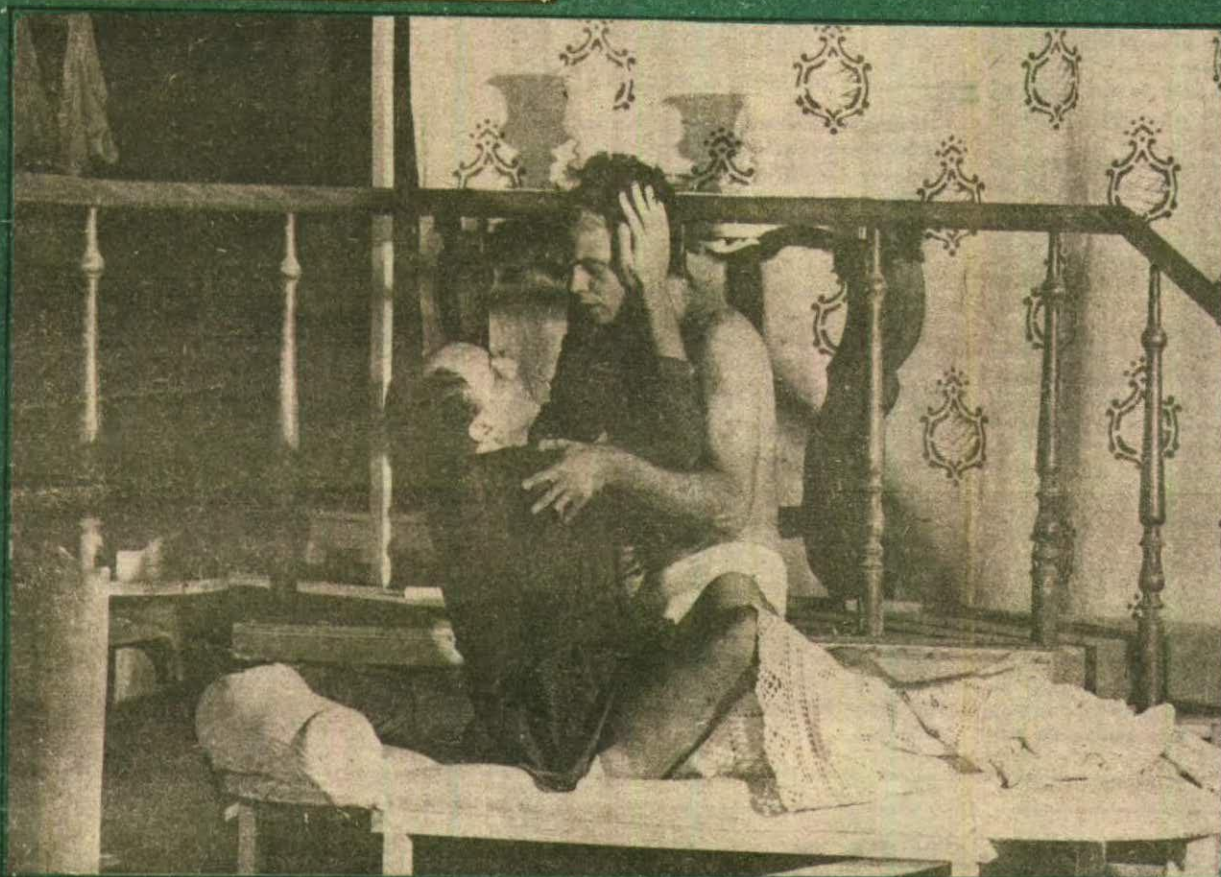
Ano 3/Nº 37

Cr$ 60,00

Leitura para maiores de 18 anos

LAMPIÃO da esquina

VIADO GOSTA DE APANHAR?

Uma viagem ao mundo dos sadomasoquistas

A QUESTÃO GUEI INVADE O TEATRO

NILDO PARENTE e ROBERTO LOPES em "AS TIAS"

HOMOSSEXUAL SE AFOGA APÓS FOTOGRAFAR GAROTO NU!

ENQUETE: O que o SENHOR faria se visse SEU MARIDO beijando outro HOMEM?

Estamos aí!

Oi, gente amiga que me dá tanta saudade (beijo especial pro Chico Bittencourt): depois de tantas lutas, se bem que sei não terem sido vãs, em prol do movimento homossexual, cansei e tirei o meu da reta. Eram poucos militantes, muito poucos mesmo, os que não haviam entrado no movimento visando à realização pessoal; e, putz, nós sabemos que com esse intuito só se faz afundar qualquer movimento... Presenciei guerras inter-grupais dignas de folhetins, e nenhum romancista, por mais fanático que seja, conseguiria relatar as lutas pelo poder que aconteceram dentro dos grupos; entre sorrindo e ficando emputecida por ver que o que idealizávamos ia abaixo por causa de meia dúzia de escrotas pessoas, saí fora...

Mas não deixei de acompanhar a vida do nosso Lampa, de sentir alegria ao ver seu crescimento (e quando falo de crescer, foi do que de repente pintou de bonito, coisas concretas e objetivas, não ficando só fechado ao meio homo) e de continuar minha militância, agora (desde um bom tempo) cara a cara, onde quer que eu esteja, sendo mais direta, porém sem perder a garra. Já não grito na rua que sou, mas demonstro minha responsabilidade, meu conseguir objetivos realizados, sem esconder o que tenho como opção. Quer dizer, se já não trago escrito na camisa qualquer slogan de grupo/defesa do homossexual, não me privo de agir do meu jeito, sem procurar disfarçar. Acredito que isso ajude bastante ao respeito que as pessoas vêm adquirindo o nosso povo.

Neste tempo, quase nenhum (acho que um ano), entrei de sola no sistema capitalista (pois que sem dinheiro a vida ficou meio russa), porque a dependência familiar já estava às vias do fato... Andei por esta nossa terra, ficando entre estágios em BH (ah, morena do P.P., juro que você me fez mais sorrisos), SP, Brasília (teria eu que voltar à terra da promissão), e cá estou no Goiás. É. Numa terra alienígena onde escuto música, escrevo, trabalho (pasmem) oito horas diárias, e crio raízes. Goiânia me encantou pelo que tem de mágico e novo. Tudo aqui parece que é a primeira vez. O povo não se questiona muito sobre sexualidade e etc., está mais interessado nas coisas óbvias, mas isso não implica em alienação.

Hoje, nesta cidade em que se paquera na praça, de tarde, que tem um ou dois bares que o nosso povo freqüenta; hoje, que deixei a "líder" no ontem, e a "estrela" num passado distante (estou "casada" há um ano, quase, e com a mesma pessoa); hoje, eu estou aqui querendo dar os parabéns a vocês, pelo peito, desassombro e garra com que enfrentaram mais um arretado ano de vida, de existência atentada pelos que ignoram os direitos humanos. Parabéns pelo sentido que deram ao jornal, pelo pique. Parabéns pela "bixórdia", que em mais um ano vai alegrar o povo (me dá uma raiva de não poder mais uma vez fotografar, curtir este show único e mágico); e até dizer muito obrigado, porque com tudo o que pintou, na tentativa de tirar vocês da luta, o Lampa continua iluminando nossas esquinas.

A Aristides Nunes, companheiro de militância, amigo que quero crer de sempre, a Dolores Rodrigues, companheira de bar e de discussões entre o dever e o fazer, a Rafaela Mambaba (carnaval gostoso e inesquecível o de 1980), onde quer que ela esteja... Walkíria, um beijo procê!

Yonne — Goiânia.

R. — Escuta, Yonne, nas loucas tardes em que o pessoal se reúne aqui na redação (e não apenas o pessoal do jornal; pinta gente que nós nunca vimos, mas que entra assim mesmo, e participa da barafunda delirante e criativa que é nosso papo), há sempre um momento em que alguém se lembra e pergunta: "por onde anda fulano?" Ou "fulana, está onde?". E aí a gente começa a enumerar os companheiros queridos que estiveram ao nosso lado ao longo dessa luta, e que, por motivos os mais diversos, se afastaram do jornal mas continuam conosco em seus corações. É bom saber que, em três anos de vida, Lampião criou uma vastíssima rede de amizades que cobre o Brasil inteiro.

É verdade que os que não estavam preparados pra tanto amor (estes de quem você fala no começo da sua carta: os que entraram no movimento visando à realização pessoal) tiveram que sartar fora, pois a gente tem nossa maneira especial de deixar seus egos monstruosos completamente à mostra e nus. Mas esses são uma minoria, querida; os grupos organizados de homossexuais acabaram por causa dessa gente, mas o nosso povo, os que entraram nesse movimento não com sonhos de liderança, nem aspirando a uma candidatura à vereança pelo PP, estes aprenderam muito. Quando a gente ambiciosa tiver sido suficientemente cagada e cuspida por todos os que pensam como você e nós, aí sim, surgirá um novo movimento homossexual, e este será pra valer.

Enquanto isso não acontece, Lampião fica por aqui, cumprindo o seu papel de manter acesa a chama; somos um vasto grupo de 40 mil leitores que cobrem praticamente todo o país. Pra você ter uma idéia de como funcionamos não apenas como jornal, mas também como um grupo em plena atividade: só neste mês de maio, fizemos a monumental Bixórdia/3, festa que reuniu centenas de homossexuais no Schnitt (vide matéria neste número); participamos de um debate de 90 minutos no programa Nacional/80 — Rádio Nacional —, em que os ouvintes faziam perguntas (sempre sobre homossexualismo e questões afins) às quais respondíamos; inauguramos nosso stand de venda de livros gueis no Teatro da Lagoa, aproveitando a encenação, naquele local, da peça As Tias, da qual Aguinaldo Silva é co-autor; lançamos o livro A Bicha que Ri, que, pelo humor corrosivamente positivo, poderia ser considerado "o livro vermelho da revolução homossexual"; mantivemos uma discussão, que durou uma tarde inteira, com ativistas holandeses que vieram estudar o — para eles — "fenômeno Lampião"; participamos de um debate na PUC, outro na UFRJ, e infelizmente não pudemos participar de outro, na Universidade de Brasília, para o qual tínhamos sido convidados. Isso além de colocar mais um exemplar do jornal pontualmente nas bancas.

Agora me diga: o grupo organizado de homossexuais denominado "Lampião" está ou não em atividade?

Muitos beijos pra você, Yonne, lutadora, pioneira, amiga.

Bons tempos

Queridos lamiônicos: como talvez alguns de vocês saibam, estou escrevendo uma tese de mestrado sob orientação de Peter Fry, sobre a fase heróica do movimento homossexual (i.é. até o racha do Somos/SP). Para este trabalho tem sido de vital importância a minha coleção de Lampião, o único órgão da imprensa que veiculou informações sistemáticas e confiáveis sobre o assunto. Infelizmente alguém "tomou emprestado" o meu exemplar do número 10 de março de 1979, e este me é da maior importância, por conter um relato da Semana de Minorias da USP que marcou a estréia pública do grupo Somos/SP.

Edward MacRae - São Paulo.

R. - Já te mandamos o jornal, querido Ed. Ficamos agradecidos pelo "confiáveis", e anunciamos nossa curiosidade: estamos loucos pra ler sua tese: quando ela ficar pronta você nos manda uma cópia. Beijos de todo mundo pro nosso querido Peter Fry, cuja caminha continua pronta dentro dos nossos corações, para quando ele puder deitar nela outra vez) e esperamos que isto seja breve; não aguentamos mais de tanto tesão...)

Santos chama

Caros amigos lampiônicos: gostaria que fosse publicado neste jornal o roteiro dos locais de badalação da vida guei na Baixada Santista. A Rodoviária; o Atlântico, que fica na Avenida Ana Costa. Ainda nesta, um bar também freqüentado pelo pessoal guei, que é o Bar 550. Duas boates: o Xalé, que fica na Avenida Presidente Wilson, em São Vicente, e é exclusivamente para lésbicas; e o Flag, só para homossexuais masculinos, na Ilha Porchat, em São Vicente.

Pra quem gosta de badalação na praia, isso é possível do emissário até a Ilha Porchat, sendo que o trecho mais famoso é do Golfinho. Os hotéis para transação são os seguintes: Aviz, que fica na Praça Correia de Melo; Havaí, na Avenida São Francisco nº 13; Vídeo, na mesma avenida nº 3; Paris, à Rua Martim Afonso, 152.

Aílton — Santos, SP.

R. — Ih, Aílton, a gente acha que esse teu roteiro está meio incompleto. Será que em Santos só existem esse locais de badalação? Em todo o caso, vai publicado, como você pediu...

Ora, pois!

Queridos amigos, foi gostoso ler e conhecer o nosso Lampião. Que pena não existir jornal como esse em Portugal. Aqui, infelizmente, não há veículo informativo que zele pelos interesses da nossa desprotegida classe. Aqui só há perseguições e discriminações. No Brasil, vejo melhor aceitação e maior tolerância do que em Portugal. Por isso, adorava conhecer gente da nossa, aí do Brasil. tenho 30 anos e sou simpatizante da "direita". Quero pessoal com a mesma preferência para contatos íntimos. Por favor, é possível arranjar malta querida, possante e castigadora para encontros fraternos nesta parte da Europa?

Vitor I. — Porto, Portugal.

R. — Querido Vitor: se em Portugal não há nada parecido com Lampião, trate de divulgar nosso jornal por aí. Aposto que tem muita gente como você, louca por um "veículo informativo". Quanto ao seu simpatizante da "direita", não entendemos o seu "direita" entre aspas: não nos pareceu que se trate da posição ideológica, mas sim, de algum tipo de trepada que nós aqui desconhecemos. É o quê? Mande nos dizer urgente, e só depois é que podemos conseguir pessoal da mesma preferência pra se corresponder com você.

«TROCA TROCA»

EX-JOGADOR DE BASQUETE, 33 anos, 1,83m, 79 Kg, careca, boa aparência, formação de nível superior, deseja encontrar rapazes, de até 30 anos, para travar relações (de todos os tipos, é claro). Cartas para Fernando — Caixa Postal 15.224. Rio de Janeiro, RJ. CEP: 20.155. Quem tiver telefone, pode enviar, se assim quiser. Prometo sigilo absoluto.

AMIGO, sincero, educado, 34 anos, alto, desejo corresponder-me com homens honestos e discreto, com mais de 28 anos, para uma amizade sadia. Manoel — Caixa Postal 2059. Recife, PE — CEP: 50.000.

SAGITÁRIO. Gostaria de me corresponder com rapazes entendidos para amizade ou algo mais. Tenho 21 anos e faço pré-vestibular. Gonçalves — Caixa Postal 4813. Rio de Janeiro — RJ — CEP: 20.000.

ENTENDIDA, morena-clara, olhos castanhos. Quero corresponder-me com mulheres de cor clara ou louras. Desejo um encontro rápido, para transarmos legal e intensamente. Venham todas! Juraci — Praça da Inconfidência, 12. Hotel Royal, Quarto 51, Petrópolis, RJ — CEP: 26.600.

JOVEM, 21 anos, 1,85m, fofinho, olhos e cabelos castanhos, deseja encontrar alguém disposto a amar e ser amado. Podem escrever dos vinte aos trinta e cinco, serão bem aceitos, desde que discretos. Cláudio — Rua Dezoito de Outubro, 501/102, Tijuca — Rio de Janeiro, RJ — CEP 20530.

LOURO, 1,75m, 64 Kg. Gostaria de manter correspondência com pessoas discretas, e de bom nível cultural. Responderei a todos. Foto na 1ª Carta. Roberto Pedrocchí — Rua Rio Turiaçú, 39 — Recife, PE — CEP 50.000.

SE você tem a cabeça feita, é inteligente e bonito. Se você gosta dessa vida, do belo e da emoção, entre em contato com a gente, escrevendo para a Caixa Postal 411 — A/C de Denilson, em Lages — SC (CEP: 88.500).
Meu corpo e minha vida você pode conhecer: Sou brasileiro, estatura mediana, gosto muito de fulano, mas é outro quem me quer.

CORAÇÃO SOLITÁRIO. Tenho 18 anos, 1,70m, 52 Kg, olhos e cabelos castanhos, discreto, curso o pré-vestibular e desejo corresponder-me com jovens de todo o Brasil, que sejam inteligentes e dispostos a curtir uma amizade sincera e duradoura. Foto na 1ª carta. Augusto — Rua Bernardo Filho, 244/A — Viçosa, MG — CEP: 36.570.

MORENO QUEIMADO DE SOL, 18 anos, cabelos e olhos castanhos, 1,82m, estudante. Gostaria de entrar em contato com garotos com 18 anos, para troca de correspondência ou algo mais. Fábio — Rua Manoel Just. Quintão, 155 — São Paulo, SP — CEP: 02.728.

BISSEXUAL, moreno, 30 anos, 1,82m, bem dotado (20× 4,5 cm) e com ejaculação abundante, procura casais para "menage a trois". Cartas com foto. Carlos — Cx. Postal 3054 — Rio de Janeiro, RJ — CEP: 20.100.

HELP. Estou morando há 5 meses em Vitória e ainda não conheci nenhum gay. Gostaria que os gays capichabas me escrevessem marcando um encontro, senão morro de tédio. Mulheres a fim de uma amizade ou algo mais, não deixem de escrever, também. Sou morena, 1,53m, 60 Kg, alegre, não sou bonita, curto música e tal. Dulcinéia Machado — Posta Restante — Vitória ES — CEP: 29.000.

UNIVERSITÁRIO, 23 anos, 1,70m, 64 Kg, moreno-claro, olhos e cabelos castanhos, ativo, deseja entrar em contato com entendidos de todo o Brasil, para um relacionamento harmônico e honesto. Carlos — Cx. Postal 6041 — Recife, PE — CEP: 50.000.

LEITORA DO LAMPA. Desejo trocar correspondência e transar uma amizade com moças gays. Tenho 31 anos, 1,60m, 55 Kg, sem nenhum preconceito e muito amor para dar. Paola — Cx. Postal 6394 — Salvador, BA — CEP: 40.000.

GAÚCHO, 22 anos, estudante, olhos verdes, alto, discreto. Quero corresponder-me com pessoas discretas, de bom nível cultural, com mais de 25 anos e que sejam de qualquer parte. Conrad — Caixa Postal 10.100 — Porto Alegre, RS — CEP: 90.000.

ENTENDIDA MESMO, 30 anos, 1,54m, 47 Kg, morena, simpática e alegre, bem informada, procura amigas ou quem sabe um caso de amor. Lucy — Cx. Postal 1343 — Florianópolis, SC — CEP: 88.000.

GOSTO DE FOTOGRAFAR homens nús, e se alguém se interessar, é só escrever para M.C.M. — Cx. Postal 6378 — São Paulo, SP — CEP: 01.000.

GAYS com problemas de aceitação, que queiram trocar idéias sobre homossexualismo, escrevam para João — Cx. Postal 60.116 — São Paulo, SP — CEP: 01.000.

DISCRETO, 1,75m, 80 Kg, quer corresponder-se com rapazes para amizade sincera. Eduardo J. — Cx. Postal 47013 — Rio de Janeiro, RJ — CEP: 21.211.

MULATO, 29 anos, boa aparência, discreto e sincero. Correspondência com rapazes sem preconceito de cor, discreto, 25/35 anos, da zona sul do Rio e de todas as capitais brasileiras, para profunda amizade, ou algo mais sério. Carlos — Cx. Postal 337 — Maceió, AL — CEP: 57.000.

Para ter seu anúncio publicado na seção Troca Troca, **basta escrever para. jornal lampião — Caixa Postal 41031, Rio de Janeiro, RJ, CEP 20.400, enviando, além do texto do anúncio, xerox da carteira de identidade e 70 cruzeiros em selos. Só serão publicados os anúncios que cumprirem tais requisitos.**

O que o senhor faria se visse seu marido beijando outro homem?

Um grupo de lampiônicos foi assistir, junto e contrito, esta chatice chamada **Parceiros da Noite** (filme no qual Al Pacino se transforma em bicha de couro, e que causou verdadeiro reboliço nas hemorróidas das bichas ativistas americanas — todas **brancas**, naturalmente... Vide artigo de Guy Hocquenghem neste número). Antes do filme, o **trailler** de **O Beijo no Asfalto**, o novo filme do Bruninho Barreto. Tudo muito bem cuidado, como quer o padrão Barreto de qualidade, inclusive com sinais evidentes de que Cristiane Torloni está divina. De repente, a frase de impacto que encerra o **trailler** soa no ar, e provoca uma gargalhada geral das lampiônicas:

— E você? O que faria se visse o seu marido beijando outro homem na boca?

Pois é, foi aí, que a gente se deu conta: para um número ainda enorme de homossexuais entre os quais Bruninho se enquadra, homem beijar homem na boca é coisa raríssima, capaz de provocar, ainda, verdadeiros cataclismas. **Meu Deus, na boca! que horror, como é que pode!** etc., etc. O resultado é que passamos o filme inteiro divididos: ora ríamos do Al Pacino (que fica todo o tempo tentando manter sua imagem, isto é, fugindo das cantadas das sado-masô), ora discutíamos a pergunta feita no **trailler** de **O Beijo no Asfalto**; quando Aguinaldo disse que, desde que levou um tremendo chupão de um cara chamado Lupiscínio, aos nove anos de idade, já foi beijado na boca, pelos seus cálculos, por pelo menos 3.875 homens diferentes, a gente resolveu partir para a enquete que publicamos abaixo.

Dois repórteres lampiônicos saíram às ruas e fizeram a pergunta, não às senhoras casadas, como faz o **trailler** do filme de Bruninho, mas sim, aos homossexuais casados: "**E você? O que faria se visse seu marido beijando outro homem na boca?**" Eis as respostas...

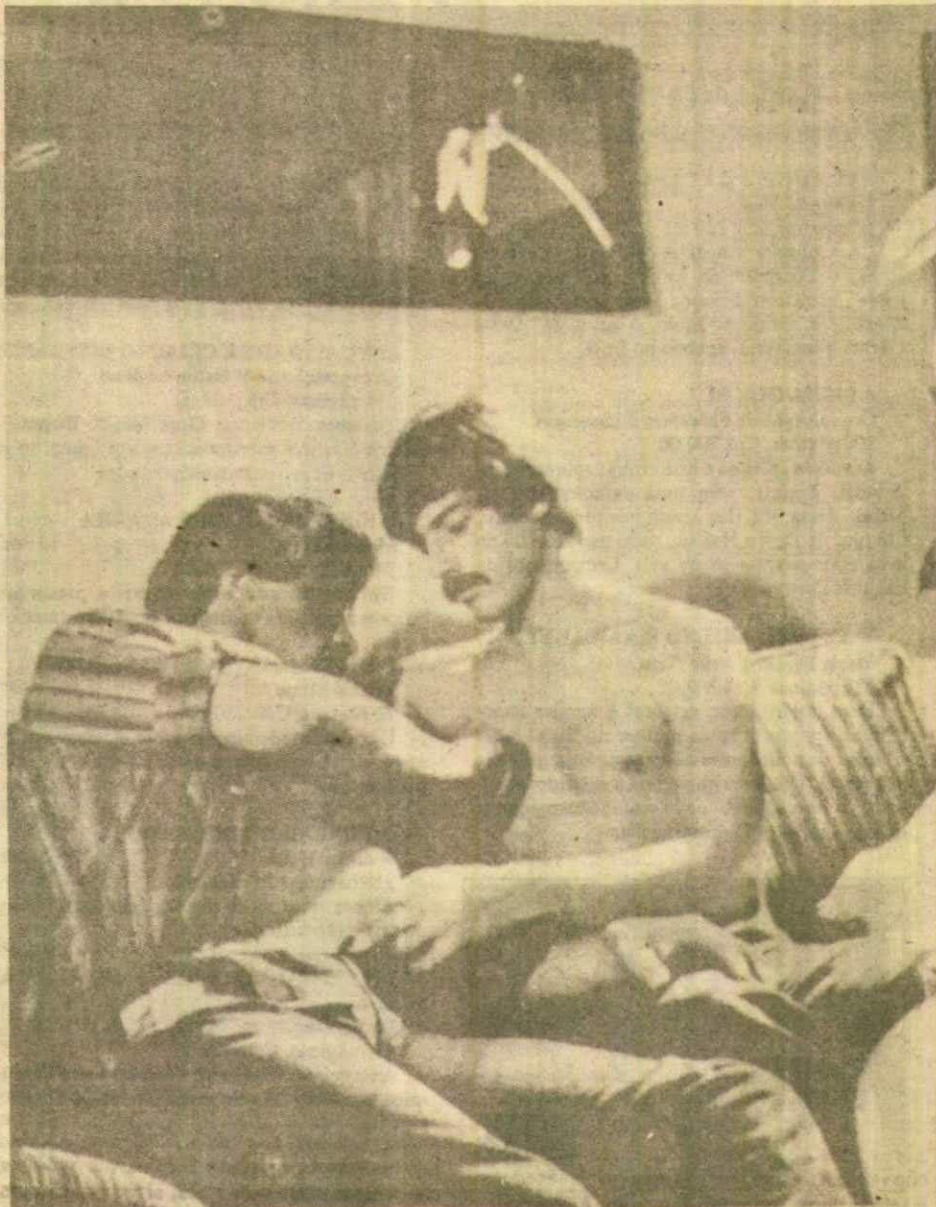
— Bom, depende do beijo né? Se fosse um beijinho assim, de leve, tipo Caetano Veloso e Gilberto Gil, eu fingia que não vi nada. Agora se fosse um beijo de língua! aí, eu daria surra nos dois! **(Manoel da Costa, 25 anos, bancário).**

— Outro homem? Na boca?! Ah, essa não! Sabe há quanto tempo ele não me beija na boca? Desde que a gente festejou nosso segundo aniversário de casamento com um jantar no Bella Roma. Só de pensar que ele pode estar beijando outro homem, eu... Mas escuta: por que você tá me fazendo essa pergunta? Por acaso conhece o meu marido? Hem? **(Marcelo José, economista, 36 anos).**

— Sem essa, cara: eu e meu marido somos pessoas adultas e modernas, não entra essa de ciúme e possessão em nossa transa. A gente vive assim... uma amizade colorida. Se ele quiser beijar outro cara, ele tá na dele; se eu quiser beijar outro carinha, é uma boa, eu tou na minha... **(Jonas de Souza, 19 anos, estudante).**

— Meu marido não me beija há seis anos. Pra falar a verdade, ele não me toca há exatamente dois meses e treze dias. Eu tou me sentindo muito infeliz, muito mal amada. Como estou morando aqui em Vila Isabel, já quis até entrar pro Grupo Auê, mas aí soube que ele foi desativado por cansaço ideológico. Além disso, eles não iam mesmo resolver meu problema, né? A não ser que me arranjassem um marido novo, mas um amigo meu me disse que o pessoal do Auê só casa heterossexualmente!, cruzes! Então, se eu visse meu marido beijando outro homem, acho que me suicidava; ou matava os dois; sei lá! **(José de Arimatéia, 43 anos, vitrinista do Boulevard).**

— Se eu visse meu marido beijando outro homem? Eu entrava no meio e transava um **ménage a trois**; numa boa! **(Cláudio Costa, 25 anos, carteiro)**

— Não respondo porque odeio o Lampião. Além disso, estou solteiro. **(Rapaz não identificado que ia saindo do mictório do Bar Simpatia)**

— Meu marido é engenheiro mecânico, eu sou sociólogo. A gente vive uma transa muito legal. Ultimamente a gente tem tido pouco tempo pra carícias, porque estamos comprando um apartamento na Lagoa, e temos que dar muito duro pra pagar as prestações. Mas a gente se ama. A gente conversa muito sobre isso; nosso único grilo é que a gente não pode ter um filho. Eu queria...Ahn? Ah, sim, esse negócio de beijo: bom, acho que eu ia ficar muito deprimido. Eu amo meu marido. **(Fabiano V. 36 anos, sociólogo)**

— Olhe aqui: veja só o que ele me fez ontem à noite. Você acha que um homem capaz de fazer uma coisa dessas em mim ia perder tempo beijando outro? Nunca! **(Claudine Claudete 22 anos, travesti, abrindo o decote e mostrando meia dúzia de chupões que, segundo ela, seu marido havia semeado em seus peitos na noite anterior)**

— Eu mataria os dois, esquartejaria e jogaria os pedaços na Baía de Guanabara! **(Cláudio Montevechio, vendedor autônomo, 31 anos)**

— Eu não faria nada, porque meu marido é meu amo e senhor; ele põe e dispõe de mim, e eu escuto e obedeço. Afinal, ele é que é o ativo, e quem manda. Eu sou a Amélia da nossa história de amor, e me sinto muito bem assim **(Silvana Mangalô, cabeleireiro, 29 anos)**

— No meu tempo beijo na boca só se fosse muito escondido, tinha um sabor mais gostoso, de pecado. Hoje em dia não, essa garotada vive se beijando na rua, um horror. Eu sou casado há 16 anos com o Arnaldo, e quando a gente se beija na boca é como se fosse um beijo de irmão. **(Fernandes Maciel, oficial da Marinha Mercante, 50 anos)**

De Ângela Rôrô, para os jornalistas, após toda aquela confusão com Zizi Possi:

— Não é a primeira, nem será a última vez que eu vou parar numa delegacia...

De Joan Baez, em São Paulo, citando Tolstoi:

— Quando perguntaram qual era a diferença entre a violência de direita e a violência de esquerda, ele respondeu que era a mesma entre a merda de gato e a merda de cachorro.

De Rafaela Mambaba, apud O Pasquim, ao ver a lista de coisas encontradas dentro do Puma "sinistrado" na explosão do Riocentro:

— Mas o que está fazendo esta vazelina ao lado do bombril?

De Seymour Kleinberg (vide artigo neste número), a propósito das bichas de couro americanas:

— Na arena da política sexual existe a esquerda e a direita. Aqueles que pensam que estão no meio acabarão descobrindo que o centro é a direita.

De Juarez (Paulo César Peréio), personagem de "As Tias":

— Além do mais, a imaginação cria verdades que apenas não aconteceram. Mas nem por isso deixam de ser verdades.

Biblioteca Universal Guei

NOVIDADES

A CONDESSA DA LAPA
Fernando Melo
50 páginas, Cr$ 150,00
"A pequena tragédia de Vera Maria de Jesus, a Condessa da Lapa": um dos textos sobre homossexualismo mais proibidos do Brasil. De Fernando Melo, o autor de "Greta Garbo, quem diria, acabou no Irajá".

A BICHA QUE RI
Organização de Francisco Bittencourt
100 páginas, Cr$ 200,00
Anedotas, piadas e historinhas sobre viados, lésbicas, e afins, com uma característica especial: dessa vez eles levam sempre a melhor. Charges de Levi e Hartur, tudo isso reunido no livro mais engraçado do ano. Lançamento da Esquina Editora.

O AUTORITARISMO E A MULHER
Maria Inácia d'Ávila Neto
128 páginas, Cr$ 300,00
Uma contribuição original à análise sócio-cultural da condição da mulher no Brasil e das relações de poder entre os sexos numa sociedade patriarcal. Um livro que ajuda a entender, também, o mecanismo da dominação machista exercida sobre os homossexuais.

Os mais vendidos

1 — **INTERNATO**
Paulo Hecker Filho
A história de um grande amor homossexual adolescente num colégio interno gaúcho (72 páginas, Cr$ 250,00)

2 — **BALU**
Jorge Domingos
Segundo o ator Anselmo Vasconcelos, de "República dos Assassinos", o maior romance guei já escrito no Brasil (66 páginas, Cr$ 200,00)

3 — **BLUE JEANS**
Zero Wilder e Varderley Aguiar Bragança
As aventuras e desventuras de cinco rapazes, todos michês no Grande Rio (61 páginas, Cr$ 250,00)

4 — **NO PAÍS DAS SOMBRAS**
Aguinaldo Silva
Dois soldados portugueses vivem um grande amor em pleno Brasil colonial e morrem por isso (97 páginas, Cr$ 350,00)

5 — **A META**
Darcy Penteado
Da safra de livros entendidos publicados no Brasil nos últimos tempos, A Meta já é um clássico (99 páginas, Cr$ 200,00). Últimos exemplares.

Faça sua escolha

A CONTESTAÇÃO HOMOSSEXUAL
Guy Hocquenghen
150 páginas, Cr$ 400,00
Uma análise em profundidade sobre o impasse a que chegou o movimento homossexual na França, com uma advertência para o Brasil.

SEXUALIDADE E CRIAÇÃO LITERÁRIA
Organização de Winston Leyland
251 páginas, Cr$ 500,00
Tenessee Williams, Gore Vidal, Roger Peyrefitte e outros escritores famosos falam do seu trabalho e de sua homossexualidade.

O BEIJO DA MULHER ARANHA
Manuel Puig
246 páginas, Cr$ 500,00
Um homossexual e um terrorista, presos num cárcere argentino, descobrem o sexo e o amor.

O ESTIGMA DO PASSIVO SEXUAL
Michel Misse
72 páginas, Cr$ 150,00
Um estudo sociológico sobre o estigma que se abate sobre os passivos sexuais — a mulher e o homossexual.

A FUNÇÃO DO ORGASMO
Wilhelm Reich
310 páginas, Cr$ 600,00
A obra máxima de um dos principais teóricos da revolução sexual.

UM ENSAIO SOBRE A REVOLUÇÃO SEXUAL
Daniel Guérin
192 páginas, Cr$ 400,00
Anarquista, bissexual, Guérin, neste livro escrito em 1968, fala do mesmo tema: a liberdade sexual.

OS CÃES LADRAM
Truman Capote
345 páginas, Cr$ 550,00
Um livro escrito sobre pessoas e coisas com quem o grande escritor homossexual norte-americano conviveu.

TESTAMENTO DE JÔNATAS DEIXADO A DAVI
João Silvério Trevisan
139 páginas, Cr$ 250,00
A história de uma geração cujos sonhos foram queimados em praça pública.

O CRIME ANTES DA FESTA
Aguinaldo Silva
136 páginas, Cr$ 200,00
A trágica história de Ângela Diniz e seus amigos. Um libelo contra o machismo e a opressão.

SHIRLEY
Leopoldo Serran
95 páginas, Cr$ 300,00
A história de amor entre um travesti da noite paulista e um operário de Cubatão.

O DIGNO DO HOMEM
Paulo Hecker Filho
72 páginas, Cr$ 1.000,00
Em edição especial, de luxo, um dos livros mais ousados já escritos no Brasil. Conheça a mala de ouro!

SEXO & PODER
Vários autores
218 páginas, Cr$ 300,00
Aguinaldo Silva, Jean Claude Bernardet e outros discutem as relações entre sexo e poder.

OS HOMOSSEXUAIS
Marc Daniel e André Baudry
173 páginas, Cr$ 300,00
Um livro escrito com o objetivo de desmistificar o homossexualismo enquanto assunto tabu.

EU, RUDDY
O próprio
60 páginas, Cr$ 500,00
Poemas de rara sensibilidade e fotos ousadas do autor. Uma obra para colecionadores.
Preço especial: Cr$ 350,00

Da Esquina

PROVA DE FOGO
Nívio Ramos Sales

A história de um pai-de-santo dividido entre duas entidades: um viril boiadeiro e uma sensual ciganinha. Um livro palpitante sobre os bastidores da umbanda e do candomblé, apresentando uma nova visão dos ritos afro-brasileiros: um caminho para a liberação sexual. Faça já a sua reserva; aproveite o preço especial de pré-lançamento. 108 páginas, Cr$ 300,00. O filme Prova de Fogo, baseado neste livro, será lançado em abril.

ESCOLA DE LIBERTINAGEM
Marquês de Sade

Uma bicha, uma lésbica, um casal heterossexual e depois, uma quinta pessoa, um jardineiro, reunidos numa mansão, se entregam a todo tipo de exercícios amorosos. O objetivo: transformar a jovem e ingênua Eugênia numa grande amante, numa adepta fervorosa do pansexualismo. Um dos livros mais crus e ousados jamais escritos. A obra-prima do genial Marquês (172 páginas, Cr$ 350,00)

NUS MASCULINOS/81
Fotos de Cynthia Martins

A subversão lampiônica chega às tradicionais folhinhas: em vez das pin-ups habituais, apenas rapazes nus. De janeiro a dezembro, fotos incríveis para você pendurar no seu quarto, ou no seu banheiro. Últimos exemplares. (Cr$ 200,00)

A oferta do mês

REPÚBLICA DOS ASSASSINOS
Aguinaldo Silva

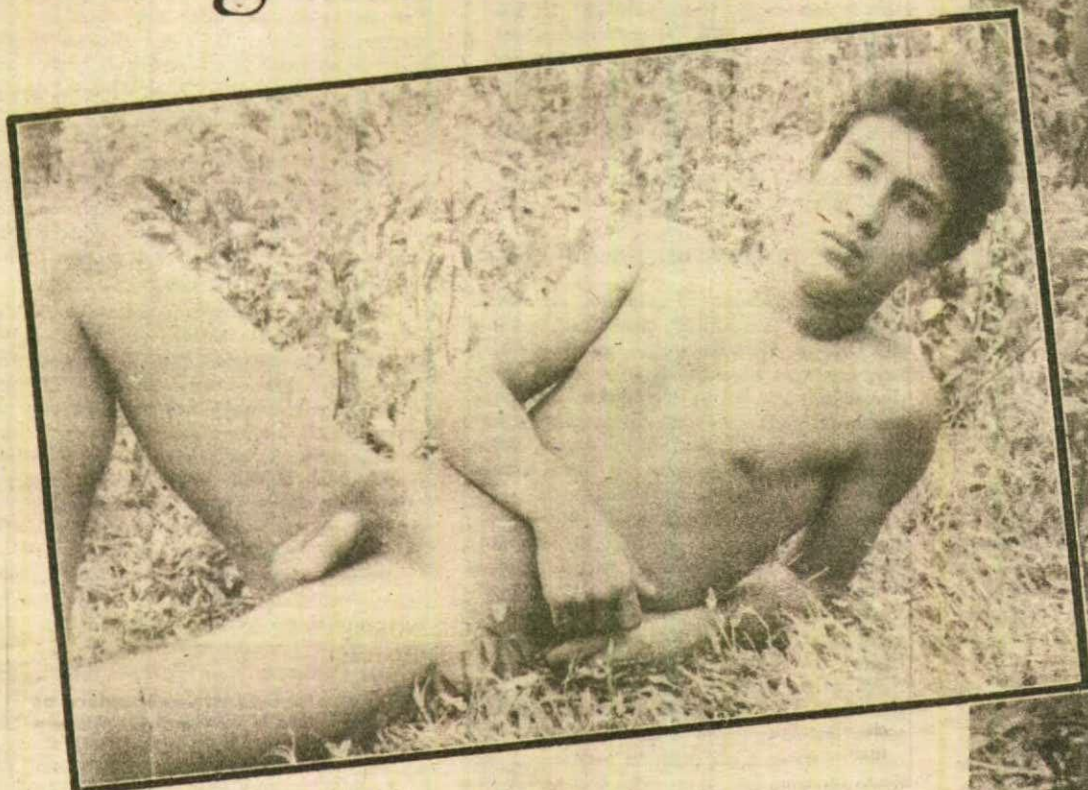
Bichas, piranhas e rivetes enfrentam o Esquadrão da Morte (e vencem!). O livro no qual se baseou o filme de Miguel Faria, do mesmo nome, com Tarcísio Meira, Anselmo Vasconcelos e Sandra Bréa. Um dos romances mais violentos publicados no Brasil na época negra da repressão (1975), tratando de dois temas então considerados proibidos: o homossexualismo e a violência policial. 157 páginas, Cr$ 350,00 Últimos exemplares.

LANÇAMENTO

AS TIAS
Aguinaldo Silva e Doc Comparato
A história de quatro homossexuais, sua "sobrinha" prepotente e um rapaz sexy com o qual ela vai visitá-los uma dia. O texto integral da peça de maior sucesso ora em carta no Rio (Teatro da Lagoa), com Paulo César Peréio, Ítalo Rossi, Susana Vieira, Ednei Giovenazza, Nildo Parente e Roberto Lopes. Faça já a sua reserva. Preço especial de pré-lançamento: Cr$ 250,00. Veja a peça e leia o livro!

Todos estes livros podem ser pedidos, pelo reembolso postal, à Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. (Caixa Postal 41.031, CEP 20.400, Rio de Janeiro, RJ). O total de cada pedido será acrescido do valor do seu porte.

Se você pedir acima de quatro livros, receberá como brinde, inteiramente grátis, um exemplar do calendário Nus Masculinos/81.

Homossexual se afoga após fotografar garoto nu

"Homossexual morre afogado após fotografar garoto nu". A manchete posso imaginá-la — estampada com tinta cor de sangue, no jornal Notícias Populares. O fato seria real se não fosse a intervenção do garoto da foto, o Edson, que veio buscar-me na profundeza enorme do lago existente em Nazaré Paulista, onde tirei as fotos do rapaz, e onde caí irremediavelmente, afundando na hora. Sobre ele, pouca coisa a dizer, além do fato de ser um salva-bichas de mão cheia. Adora a música "Folhetim", do Chico, que "lhe diz muita coisa". O seu endereço? Oh! — Rafaela Mambaba, a nossa mascote, muito sa(bichona), se apoderou do único cartão disponível do garoto. E, depois de ler, decorar e cortá-lo em mil pedacinhos, jurou não dar — o endereço — a ninguém. Pode? (texto e fotos de **Fukushima**).

Hocquenghem: — Revolucionário é o travesti

Meu primeiro contato com Hocquenghem, em Paris, foi por telefone. Consegui seu novo número através de um amigo jornalista do "Libération". Quando marcamos o encontro, Hocquenghem tinha acabado de se mudar para um novo "studio", em Pigalle. Quando cheguei ele estava almoçando com mais dois amigos, e começamos a falar: das bichas, do "Lampião", da universidade, dos governos, dos bares, etc. Deixamos a entrevista para uma sexta-feira, às 18 horas.

Era 30 de janeiro, um frio de cão. Hocquenghem pediu para eu esperar um pouco, que estava acabando de escrever uma parte de seu romance. Logo começamos a conversar. Disse-lhe que seu livro "A Contestação Homossexual" tinha acabado de sair no Brasil. Ficou por alguns segundos muito puto da vida porque ainda não havia recebido dos editores a versão brasileira. Depois começamos nosso bate-papo. Eu tinha preparado algumas perguntas, começando com Pasolini. Só que houve um grande imprevisto. Coloquei a fita no gravador direitinho, apertei os botões e começamos. Depois de algum tempo, não sei por que, o astral talvez, vou verificar se o gravador está funcionando. Quando vi que não estava quase tive um troço. Foi um azar, mas vocês poderão ler a maior parte da entrevista, onde Hocquenghem fala coisas incríveis sobre o Brasil. (Paulo Otoni)

Hocquenghem — Não estava gravando?

Lampião — Não (risos).

Hocquenghem — Bom, o assunto voltará. (Estava se falando sobre Pasolini.

Lampião — O que me surpreendeu um pouco em seu livro é que você escreve que ao mesmo tempo que Pasolini procurava o amor, procurava a morte.

Hocquenghem — É uma fórmula que ele mesmo empregava, não é forçosamente boa literatura, mas é em todo o caso um sentimento verdadeiro. Pasolini vivia uma espécie de fotonovela à italiana. Seus amores, suas histórias de amor, não eram privados, na medida em que jamais ele escondia nada. Se o olharmos as obras de Pasolini, ela nos falam de tudo isso como "Sexualidade na Itália", que é especificamente sobre isso. Seria ridículo esconder pudicamente que a vida de Pasolini não reflete sua obra. Na realidade, não existe diferença entre a vida de Pasolini e as obras de Pasolini, são estritamente a mesma coisa. Um mito fabrica uma obra, porque um mito sabe escolher sistematicamente os pontos mais interessantes de sua vida, agora a medida é que um pouco duvidosa. De um lado "Teorema", "Pocilga", no limite de um misticismo insuportável. Do outro se escolherá um Pasolini muito mais sexual em outros filmes, uma presença pagã fortíssima. Não falemos mais de Pasolini, que ele tinha direito de escolher sua morte. A continuação é que é um pouco triste, o fato das pessoas tornarem tão trágica a morte de Pasolini. Penso que não devemos falar mais de Pasolini, ele morreu.

Lampião — Você usa um termo, "bicha higienizada", para identificar algumas pessoas. Você esteve um mês no Brasil. teve contato com a vida homossexual, a diferença...

Hocquenghem — Não há uma diferença, o que existe é uma vida dupla no mundo homossexual, no gueto homossexual, não encontro o termo exato. Mas no Brasil, só posso falar pelo Rio, o fato se apresenta com uma dupla forma: a tradicional e atual. São duas formas muito diferentes e que estão bem misturadas. Uma forma tradicional, que é o travesti propriamente dito, de **shows** e espetáculos, mas ao mesmo tempo da vida, porque está ligado à prostituição, ou ligado a um bairro da Zona Norte. Outros ligados a um bairro como Copacabana, com discotecas e outras coisas. São na verdade várias formas que coabitam, muito diferentes entre si. O mundo homossexual é variado e é muito difícil de se falar em unidade. O único lugar onde existe uma união do homossexual é nos grandes bairros de bichas das cidades americanas. Não falemos de reunião, mas de um agrupamento dos principais tipos: a bicha do couro, a bicha louca, a bicha cigana, a bicha espanhola e assim por diante. Um agrupamento que concentra tal variedade sem suprimi-la. No caso do Brasil, estou arriscando, principalmente por uma questão racial muito simples, por se tratar de um país multirracial, de uma dimensão enorme, uma dimensão que faz com que todas as questões sejam diferentes. Penso de fato que a importância do travesti no Brasil não é simplesmente aquilo que se vê nos outros países. Isto é, um pouco no teatro e uma minúscula parcela na prostituição. No Brasil existe uma quantidade que é uma verdadeira população. Efetivamente, os americanos e os europeus falam de travesti como se este fosse um ser existente como homossexual e heterossexual. Por definição, um "não-ser", um falso ser. Isso quer dizer um caso extremo interessantíssimo que faz com que qualquer idéia... bom, resumindo, penso que a questão gay particularmente interessante no Brasil é a questão do travesti.

Gay Hocquenghem nasceu em 1946. Atualmente leciona na Universidade do F.H.A.R. (Front Homosexuel d'Action Révolucionaire), **em 68. O movimento surgiu junto com os acontecimentos de maio, que agitaram muito a cabeça dos franceses. Hocquenghem já tem os seguintes livros publicados: "Le Désir Homosexuel", 1972 (existe uma versão portuguesa e está prestes a sair uma edição brasileira); "L'Après-Mai des Faunes", 1974; "Fin de Section", 1976, "Coire", 1976, com René Scherer; "La Déribe Homsexuel", 1977 ("A Contestação Homossexual", editado pela Brasiliense em 1980); "Comment Nous Appelez-vous Déjà?", 1977, com** Jean-Lois **Bory; "La Beauté du Métis", em 1979; "Race d'Ep! Un Siècle de Images de l'Homosexualité", 1979; e "Le Gay Voyage", 1980.** Neste, **Hocquenghem faz um roteiro das cidades gays mais importantes:** Nova York, **Berlim, Amsterdã, Roma, etc. Não é um desses roteiros que se vêem por aí, mas um trabalho muito bem cuidado contando experiências. viagens, entrevistas, um livro transado a mil. Como não poderia deixar de ser, tem 13 páginas sobre o Rio, o** carnaval, **as loucuras tropicais.**

Lampião — É interessante ouvir isto, porque no Brasil, eu participei de algumas reuniões do grupo Somos de São Paulo, e não havia nenhum travesti no grupo, isto há um ano e meio mais ou menos. Existe realmente uma estratificação, se faz realmente uma divisão. Existem gays que não falam com travestis, porque eles são isso que você disse, uma outra coisa, um outro ser.

Hocquenghem — O impacto social, se você quiser, do movimento gay brasileiro, é nulo comparado não importa com qual travesti. O que chamo de impacto social, para ser sociológico, é a importância da mensagem dada, seja pelo impacto, seja pelo humor, quando se vê passar um tipo. É evidente que o travesti é uma instituição brasileira, uma instituição desprezada, oprimida, mas uma instituição. O movimento gay é uma enorme brincadeira de alguns burgueses brancos, que querem fazer discursos, que não podem ir à boate se a boate é ou já foi dominada por travestis. Penso que a bicha brasileira nunca faria travesti, acho que isso seria impossível.

Lampião — O que você disse agora é muito importante. Moro numa cidade perto de São Paulo e lá abriram um bar gay e depois de algum tempo fizerem um palco para shows de travestis. Logo começou uma briga, de um lado um grupo que queria, de outro um grupo que era contra. Houve então uma divisão, começaram os shows com Carmens Mirandas e coisas do gênero. O bar fechou porque ninguém mais ia, tinha virado local de travesti. Aí você compreeende o que é estranho no Brasil, que é uma divisão cada vez mais aguda. É o travesti de um lado e os gya, as bichas, sei lá, do outro. O que existe no Brasil é muita divisão, ligada, é claro, ao problema social.

Hocquenghem — Não é só o problema social, mas o racial também. Penso que é verdade, mas é difícil, delicado, falar de um país que não se cónhece mais que quarenta dias. Fica um pouco restrito, né? Mas quero dizer, por exemplo, para um europeu que passa quarenta dias no Brasil, alguma coisa como o "**Lampião**" torna-se um fato difícil de ser definido, dá um certo mal estar, como se... isto me parece muito inadequado, muito distante. Penso que o "**Lampião**" fala muito de travesti, por exemplo, mas de qualquer modo não é um fato de oposição, mas parece com um descalque do que faz o movimento de libertação americano, ou alguns outros da Europa. No Brasil a situação é muito mais explosiva sexualmente. Se há um país onde a revolução sexual tem um sentido, esse país é o Brasil da atualidade. Problemas demográficos, raciais, calor, miséria, ao mesmo tempo cultura, o fato de que a sexualidade nunca foi desprezada, junto com uma repressão muito forte. Tudo isso faz do Brasil o único país onde a revolução sexual é algo explosivo. O que não pode se dizer de nenhum país europeu, de nenhum país africano, de nenhum país da Ásia. É impossível contabilizar os travestis normalmente, mas é alguma coisa que acontece, que vai além das reivindicações gay. Uma coisa, qual é em português... bom, bicha. Enfim, se diz bicha no Brasil para dizer homosseuxal, né? Mas se diz também homossexual?

Lampião — Sim

Hocquenghem — Quem emprega?

Lampião — A burguesia, os estudantes, gente assim...

Hocquenghem — Então, o que sobre é muito, a grande maioria da população que emprega uma outra palavra numa outra concepção. Na França, mesmo no meio operário chamar um homossexual de homossexual é estranho, desfavorável. Não é o mesmo gênero de favor ou cumplicidade que pode ter ao dizer bicha, que é qualquer coisa menos hostil, mas carregada de uma espécie de familiaridade popular, ligada à presença de um personagem na comédia da rua, no presença coridiana. São estas mudanças que são interessantes. Penso que, no Brasil, se passa algo diferente da América do Norte, muito diferente da França, da Europa, onde houve mudanças de costume no século XIX. Nos Estados Unidos houve uma espécie de explosão superficial de sexo nos anos 60. No Brasil é outra coisa que ocorre. Uma coisa do Terceiro Mundo, porque é ali ali que está uma sociedade subdesenvolvida. Isto é, o único país do Terceiro Mundo onde a idéia de nacionalismo não é acompanhada de puritanismo. O que é muito interessante para se estudar. Mais interessante ainda do que formar um pequeno movimento pelos direitos dos homosseuxais, que de fato não existem.

Lampião — Falando de estatísticas, dizem que em São Paulo existem cinco ou sete mil travestis, para uma população de 15 milhões de habitantes. Agora, com o movimento homossexual o que acontece é o seguinte: forma-se um grupo e logo começam as brigas. Passa-se alguma coisa estranha que as pessoas não se entendem. Nos Estados Unidos, por exemplo, existe um grupo de aviadores homossexuais. Os grupos são ligados pela sua profissão, pelo seu trabalho. No Brasil, não. É tudo desorganizado.

Hocquenghem — O que você acaba de dizer é verdadeiro. Todo o movimento homossexual americano ou europeu se organiza em torno de alguma coisa; é o consumismo. São todos movimentos de consumo. A revolução sexual é um movimento de mudança de costumes importantes, mas não revolução de consumo essencialmente, e quando não há mais o que consumir nesses movimentos fica evidente o que resta fazer.

Lampião — Não existe uma lei brasileira específica sobre o homossexualismo. O que torna difícil a luta, a reivindicação. Luta-se contra a ideologia burguesa, que estratifica os homossexuais. No fundo não há uma verdadeira maneira de lutar. Nos Estados Unidos o pessoal gay luta para mudar as leis, os códigos, etc.

Hocquenghem — Mas, existe no Brasil um especificado "ato contra a natureza", no caso de menores.

Lampião — Não. Existe, se eu não me engano, alguma coisa no exército brasileiro sobre homossexualismo.

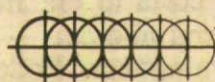
Hocquenghem — Bem, já é algo mais objetivo.

Lampião — Se pegam, por exemplo, dois soldados fodendo, o que é expulso primeiro é o passivo, o outro tem mais uma chance, e fica no exército. Existe essa diferença entre ativo e passivo.

Hocquenghem — Evidentemente. Isso é normal, porque existe uma divisão entre dois tipos de homossexuais, que são os supermachos e os submachos. Uma sociedade pode considerar um homem tão macho que ele só pode foder comendo. E é o macho no sentido estrito da palavra, tão viril que só pode comer homem viril.

Lampião — Você percebeu a diferença entre ativo e passivo em alguns meios?

Hocquenghem — No caso particular do Brasil, o que se torna mais complexo é o número de relações sexuais. Portanto sociais, mesmo se mudarmos de palavra. Tenho a impressão, não porque sou estrangeiro, que existe uma enormidade de relações, que são essencialmente relações codificadas. Um pouco como os americanos em certa época. Mas existe um grande fenômeno que são os nomes no Brasil. É um país que dá nomes que são muito bizarros. Penso que há uma certa confusão sexual. Confusão devida à diferença de raças, culturas, etc. Tem também o caso dos menores, pessoas que não podem estudar, tudo isso é muito complexo. Veja por exemplo o caso do negro. Você pode considerar alternativamente o papel do negro como efeminado e como superviril. É portador

→

de um grande falo e ao mesmo tempo de uma boa bunda que dança. É a ambigüidade do samba. Uma feminilidade que é evidente e uma hiper-virilidade igualmente evidente. Penso que existe na realidade uma ambigüidade sexual brasileira.

Lampião — Esta ambigüidade então você liga à confusão sexual?

Hocquenghem — Sim. Penso que isto leva a uma hierarquia de atitudes sexuais. Faz com que, por exemplo, embora eu não saiba bem o que é proibido no Brasil, mas existem naturalmente coisas proibidas. Penso que um rapaz brasileiro não sabe na verdade o que é proibido, mas supõe que existem coisas más e boas. Mas ele não está absolutamente seguro, por exemplo, sobre o fato de dar o cu. Penso menos nas situações de prostituição. Falo em dar o cu não só como meio de ganhar dinheiro, mas também como um bom negócio. Você terá aí um bom negócio em todos os sentidos, no moral e no do prazer. Sei que não sou muito original dizendo isso, mas o tabu anal é infinitamente forte no Brasil comparado a não importa qual civilização. O tabu do ânus é infinitamente forte no Brasil comparado com qualquer outra civilização do Terceiro Mundo atualmente. Bem, há os chineses, mas eles são outra coisa.

Lampião — Este tabu anal entra também na confusão, pra você?

Hocqueghem — Sim, um pouco. É uma confusão um pouco mais geral do que uma confusão pré-psicanalítica. O que é bom, pois pré-psicanlítica é a que está antes. Além disso, o que é mais integrante da realidade é o que está antes de uma atitude psicanalítica. Por isso é que o dinheiro e a merda são completamente confundidos no Brasil.

Lampião — O dinheiro e a merda?

Hocquenghem — Exatamente, a merda, a imundície.

Lampião — Você disse uma coisa que ainda soa um pouco estranho de se ouvir. Esta confusão, por que esta confusão?

Hoquenghem — Não esqueça que é um estrangeiro que diz isto.

Lampião — Pra mim, como brasileiro, vivendo no meio dos problemas, fazendo as coisas, tal confusão que se vê de fora não é claramente percebida, não existe. Por exemplo, a atividade e a passividade, existem num nível das representações, dos papéis, na cama evidentemente as coisas podem mudar, e mudam muito. Existem, por exemplo, os bofes, os michês, que pedem dinheiro pra trepar. Aquela história do ativo que só come não é bem verdadeira. Se você caçar um cara e disser que paga o que ele quiser, mas que vai comê-lo também, aí ele cede. Estou falando de prostituição, claro, onde existe também o tabu anal. Acho que a confusão vem também neste sentido, é porque as pessoas é que são confusas.

Hocquenghem — Sim, as pessoas são confusas, porque é perfeitamente verdadeiro que sexualmente, por razões históricas estudadas por gente como Freyre e outros sociólogos, por razões históricas de mestiçagem, pelo modo que os portugueses dominaram o Brasil, com o rigor sexual deles. Todas estas razões fazem do Brasil um país pouco determinado sexualmente, como se diria de uma criança. É um país de malandro-bicha, onde a ambigüidade entre a violência e feminilidade é muito grande. O fato de ser travesti não impede de ser violento, principalmente no Brasil, onde existe o protótipo do travesti violento, que se corta com gilete, corta os outros. Por que no mundo inteiro o travesti brasileiro é comparado à mulher sueca? Isso é algo que tem significado. O extremismo, digamos, a coexistência de vários extremos, pela ausência do que se chamaria de uma cultura do tabu sexual muito forte, que chamo de confusão.

Lampião — Acho que tocamos em algumas características importantes, tocamos em alguns pontos, como na confusão.

Hocquenghem — Se eu falo da confusão não é de um modo pejorativo. Penso, na realidade, num poema de Carlos Drumond de Andrade. Você conheoe o poema que diz que o Brasil não existe, ou qualquer coisa assim? Acho que há uma profunda verdade sobre o Brasil aí. Esta verdade é forte, porque quem fala é um brasileiro e forte também quando é dita por um europeu. Quando um europeu fala de confusão tem na cabeça a idéia de algo negativo. Tenho medo que muitos intelectuais brasileiros quando escutam a palavra confusão tenham, a mesma idéia, de algo negativo. Confusão quer dizer simplesmente proliferação, isto é, riqueza.

Contra a bicha institucionalizada

No começo de 1976, Pier Paolo Pasolini foi assassinado por um bandido que ele havia paquerado e levado de automóvel até o lugar onde devia padecer de uma morte atroz.

O julgamento do assassino, Pelosi, provocou grande emoção. O coro de lamentações indignadas que cercou a morte de Pasolini mal escondia um sentimento geral: mas afinal de contas, como é que ele foi se meter naquela história sórdida? É o que se perguntavam as pessoas de bons sentimentos. O artigo que se segue situava-se na contra-corrente. Não tentava explicar o assassinato e sim examinar as razões pelas quais Pasolini aceitava o risco de ser assassinado.

Há quem tenha visto no assassinato de Pasolini um argumento para "proteger" os homossexuais da canalha e uma razão para afastar a fragilidade homossexual dos perigos da rua. Há bichas que aproveitaram para afirmar sua vontade de integração (não seria com elas que isso aconteceria...) e seu ódio em relação aos marginais duvidosos, seus antigos companheiros de infortúnio que, ao contrário delas, não conseguiram ir muito longe (em um naufrágio, cortam-se as mãos das pessoas que se agarram a nós). Além do grotesco Pelosi, tratava-se de afastar para bem longe de nossos territórios amorosos toda a marginália do baixo mundo.

Em redor desse crime chocam-se duas "definições" do homossexualismo uma, que o reduz ao amor entre Semelhantes, fecha-se em uma tautologia rígida e hierarquizada.

A de Pasolini, ao contrário, é antes de mais nada uma fuga em direção ao Outro, em direção aos outros, sob o risco de morrer.

Pasolini morreu, assassinado por um embusteiro.

Nem todo mundo pode morrer em sua cama, como Franco. A extrema esquerda italiana fica indignada. M.A. Macciocchi, em **Le Monde**, vê nisso um golpe dos fascistas. Com maior finura Gavi e Maggiori mostram em um artigo do **Libération** que se trata de um golpe microfascista. Pelosi, o assassino, não é pago pelo facismo e sim o instrumento voluntário do racismo e da recusa à diferença, o fascismo quotidiano não politizado.

Pois é, não há a menor dúvida... Existe, porém, nesta explicação algo que não me satisfaz, uma visão ainda exterior e política do assassinato do homossexual. Claro, só podemos estar de acordo com a análise do caso Pelosi e recusamos considerá-lo vítima.

Ao mesmo tempo a morte de Pasolini não me parece nem abominável, nem lastimável. Até acho que foi muito boa. Tão menos banal, por exemplo, do que um desastre de automóvel. Se é para morrer, eu, de certa maneira, a desejo para mim e para todos os meus amigos.

Estetismo sádico? Espero que não. Trata-se unicamente de um aspecto vivido dessa história de assassinato de homossexual, de assassinato homossexual e que escapa necessariamente aos analistas políticos, aqueles que querem lutar para proteger os homossexuais contra seus assassinos potenciais.

Trata-se da ligação muito forte, íntima e antiga entre o homossexual e seu assassino. É um liame tão tradicional quanto sua prescrição nas grandes cidades do século XIX. Vautrin, em Balzac, representa muito bem este inverso do mundo civilizado, nascido da corrupção das grandes cidades, nas quais o homossexualismo e a delinqüência se dão as mãos. Perversão urbana, o homossexualismo delituoso desposou desde suas origens o crime do mundo marginal. Há um "perigo" específico que cerca o homossexualimo, a chantagem homossexual, o assassinato homossexual.

Gavi e Maggiori observam com muita justeza que no processo Pelosi a vítima é tão culpada quanto o assassino, o que é certamente escandaloso, mas constitui uma marca distintiva da condição homossexual. Aos olhos da justiça e da polícia não existe, nesses casos, diferença entre vítimas e assassinos. Existe um "meio" suspeito, feito de ligações misteriosas, uma franco-maçonaria do crime, no qual o viado e o assassino se entrecruzam. Antes de tudo, o homossexualismo é — talvez ainda por algum tempo — uma categoria da criminalidade. Pessoalmente prefiro este estado de coisas à sua provável transformação em categoria psiquiátrica do desvio. A ligação libidinal das figuras do criminoso e do homossexual ignora os conceitos racionais do direito, a divisão das responsabilidades individuais e a distribuição dos papéis entre vítimas e assassinos. O assassinato homossexual é um todo. Um oficial da polícia belga escreve em um artigo consagrado à situação dos homossexuais: "Uma estreita vigilância deste meio particular permite acumular uma documentação muito útil, tendo em vista a descoberta de futuros escroques, assassinos e, eventualmente, espiões."

"Descriminalizar" o homossexualismo?

É precisamente contra isto que lutamos, dirão. E daí? Vamos, então exigir o progresso racional da justiça na distinção entre vítimas e culpados? A exemplo das associações de homossexuais respeitáveis, vamos exigir da polícia e da justiça que elas acolham as queixas dos homossexuais maltratados ou submetidos à chantagem, o que elas atualmente, não fazem (ou fazem muito mal)? Será que, a exemplo das mulheres que exigem a condenação dos estupradores pelos tribunais, veremos as bichas reclamar a proteção da lei?

Penso, ao contrário, que a chance do homossexualismo repousa, ainda, mesmo para um combate de liberação, no fato de que ele é percebido como algo delinqüente. Não vamos confundir a autodefesa com a respeitabilização. Uma história recente, ocorrida em 1971-1972, a dos "assassinos de Yvelines", alcançou grande repercussão. Dois jovens, muito conhecidos nos meios homossexuais, nos quais se prostituíam e onde haviam recebido o nome de "assassinos", devido a seu tipo à la Jean Genet e suas jaquetas de couro, cometeram gratuitamente uma série de crimes. O assassino é um personagem freqüente para o homossexual, não somente por masoquismo, culpabilidade assumida ou gosto da transgressão, mas porque se trata de uma possibilidade real de encontro. Claro que sempre se pode escapar dela. Basta não paquerar mais nos meios marginais. Basta não paquerar mais na rua. Basta simplesmente, deixar de paquerar, ou então fazê-lo em relação a pessoas sérias, que pertençam ao nosso mundo. Pasolini não seria morto se só tivesse dormido com seus atores.

Eis o que escapa àqueles que querem sinceramente, "descriminalizar" o homossexualismo e defendê-lo contra si mesmo cortando seus laços com um mundo duro, violento, marginal.

Esses combatentes ignoram que desta forma aliam-se ao grande movimento na França e nos Estados Unidos, que visa conferir-lhe foros de respeitabilidade. Esse movimento não se exerce através da intensificação das repressões ou da perseguição aos assassinos, mas postula uma transformação íntima do personagem homossexual, livre de seus temores e de sua marginalidade e finalmente inserido no Estado. A louca tradicional, simpática ou má, o amante de garotões, o especialista dos mictórios, todos esses tipos coloridos herdados do século XIX, apagam-se diante da modernidade tranquilizadora do (jovem) homossexual (de 25 a 40 anos), de bigodes e com sua pastinha de executivo debaixo do braço, sem complexos nem afetações, frio e bem educado, publicitário ou balconista de lojas elegantes, inimigo dos excessos, respeitoso em relação ao poder, amante da cultura e de um liberalismo esclarecido. Ponto final no sórdido e no grandioso, no engraçado e no malvado. O próprio sadomasoquismo não é mais do que um traje, uma moda adotada pela bicha louca correta.

Um estereótipo do homossexual do Estado, integrado ao Estado, modelado pelo Estado e próximo dele através de seus gostos, tranquilizado pela presença no poder de algum ministro homossexual e que se assume (não estamos mais na IV República, e o homossexualismo já não é mais um segredo) substitui progressivamente a diversidade barroca dos estilos homossexuais tradicionais. Chegará o tempo em que o homossexual não será nada além de um turista do sexo, um membro gentil do Club Mediterranée, que foi um pouco mais longe do que os outros, cujos horizontes só são um pouco mais largos do que os da maioria de seus contemporâneos.

Ninguém se pode dar conta disso, a não ser que freqüente o meio homossexual, que é bastante fechado e que, até mesmo para o homossexual mais isolado, forja a imagem social de sua condição. A pressão normalizadora caminha depressa, mesmo se Paris e as boates da Rua Ste. Anne não representem toda a França. Ainda sobram em Pigalle ou nos subúrbios as bichas que gostam de transar com árabes. Isto não impede que tenha sido lançado o movimento de um homossexualismo finalmente branco, em todas as acepções do termo. E é curioso constatar, ao observarmos os anúncios de publicidade, os filmes e as bichas que saem das boates, o surgimento de um modelo unissexual, isto é, comum aos homossexuais e aos heterossexuais, proposto aos desejos e à identificação de cada um. Os homossexuais tornam-se indiscerníveis, não porque escondam melhor seu segredo, mas porque se uniformizaram de coração e de corpo, livres da saga do gueto, integralmente reinseridos, não em sua diferença, mas pelo contrário em sua semelhança.

Esquecemos com muita freqüência que a dissimulação, a mentira ou o segredo homossexual jamais foram escolhidos por si mesmos, pelo gosto da opressão. Eram necessários à proteção de um impulso do desejo, dirigido para o mundo marginal, de uma libido imantada por objetos fora das leis do desejo comum. Em nossos dias o fim da dissimulação não provirá da supressão destas leis, como teríamos desejado. Infelizmente ele provém sobretudo, do enfraquecimento da diferença, através da reciclagem dos desejos homossexuais em uma normalidade um pouco alargada.

Para terminar com estas impressões um tanto nostálgicas, recordemos a figura daqueles homossexuais do início do século, tão afastados do mal existencialista à São Genet quanto da bicha inodora que nos ameaça. Mesmo pertencendo à melhor sociedade, viviam com o crime, não por paixão à transgressão, mas porque tratava-se daquele aspecto do risco que sua escolha impunha. E não era sem elegância que viviam lado a lado, com o risco, segundo nos conta Colette no livro tão belo que dedicou às lésbicas e aos homossexuais (**Ces plausirs**). Veja-se a discussão, a propósito, do amante de um desses cavalheiros, ocorrida em um salão, presenciada pela autora em sua qualidade de amiga íntima: **"Diga-me prezado amigo; este seu jovem assaltante não é o mesmo que era suspeito de ter estrangulado um rapaz empregado de um banho turco?" Endireitando-se com uma dignidade devida, sobretudo, à anquilosa, o velho acenava com uma mão fina e enrugada: "Mexericos, caro amigo, mexericos! Sou sensato. Não tenho o menor ciúme do passado!"**

Acidez, cinismo teatral, afetação, infantilidade — é este o tom...

Algumas vezes a violência, macha ou mórbida, lançava seu grito e sua breve revolta. Um adolescente, vindo dos tempos longínquos nos quais o bem e o mal eram a mesma coisa, contou sua última noite no Elysée Palace Hotel: **"Aquele homenzarrão lá no quarto me deixou com medo... Peguei meu canivete, cobri os olhos com as mãos e com a outra enfiei-lhe o canivete na barriga... e saí correndo! "Ele irradiava beleza, malícia e loucura. As pessoas presentes mostraram muito tato e prudência. Evitaram manifestar-se. Somente meu velho amigo C. disse após um momento, despreocupado: "Mas que garoto!" e mudou de assunto.** Libération, março, 1976).

(Trecho do livro "A Contestação Homossexual"; você pode pedi-lo através do nosso reembolso postal — vide anúncio à página 4)

Um palácio para muitas rainhas

Sabem aquelas gavetas que a gente abre e as baratas, coitadinhas, ficam desesperadas por nem terem um lugar onde se esconder? Pois é mais ou menos assim que fica o banheiro da sala debaixo do Palácio do Cinema, em São Paulo, na hora da ovação. Isso mesmo: ovação. De ovo. O banheiro simplesmente não tem janelas (fica no primeiro andar do prédio) e as bichas, muito atrevidas, ficam mexendo com o pessoal na rua. Para se vingarem, eles jogam ovos que vão se estrelar lindamente nas paredes do mictório, sujando todos que ali estiverem.

Quem abrir a porta do banheiro leva um susto, tais são os gritinhos histéricos, o barulho dos saltos descendo a escada às carreiras, as portas dos reservados se abrindo para os pares fugirem levantando as calças, enquanto as mais fingidas mostram ar de dó por aquelas que foram atingidas pelos petardos ovídeos. É um pega prá capar.

E olha que quem freqüenta o Palácio do Cinema, na Avenida Rio Branco, o famoso cinema dos viados de São Paulo, não pode se dar ao luxo de ter sustos à toa. De palácio ele só tem o nome, pois é o mais barato da cidade. E por isso mesmo vive cheio, até mesmo nos domingos quando casais de namorados (heteros) vêem com indiferenças a pegação de malas e encoxamentos generalizados em todos os cantos e direções. São duas salas — uma pequena, no andar de cima, outra grande embaixo — possibilitando aos felizes espectadores assistirem a quatro filmes. Dois deles, pelo menos, invariavelmente de kung-fu. É o que a maioria gosta.

Completando a decoração, muita sujeira, assentos quebrados, ratos que descem de vez em quando do teto pelas paredes, indo não se sabe para onde. Das 9 da manhã à meia noite, todos os dias.

Não é preciso dizer que a verdadeira arte cinematográfica do Palácio acontece não na tela, mas na platéia, nos banheiros, nos cantos atrás das cortinas.

Nos banheiros **sempre** existe alguma bicha de plantão. E elas passam horas ali, desafiando o malcheiro, formando grupos, batendo papo, discutindo, paquerando os que vêm mijar. De vez em quando surge um revertério, como outro dia, quando uma ficou nervosa, levantou o vaso sanitário e jogou-o contra a desafeta (bem, Cristina agora se chama Hulk, não é mesmo?). Foi um corre-corre dos diabos e até hoje está o buraco do vaso no banheiro para confirmar a história.

Algumas põem roupas de mulher, pintura e vão para o banheiro "faturar". Dizem que conseguem sempre arrancar pelo menos duzentinhos do bofe. As outras juram que é mentira.

Momento de descontração acontece no intervalo dos filmes, quando a maior parte dos 200 ou 300 bofes vão mijar, tudo de uma vez. Fica aquele sufoco no banheiro, com o **fecha** das bonecas, as risadinhas dos rapazes (geralmente migrantes). Muita paquera.

Na platéia, então, existe todo um código consagrado pelo tempo e pelo uso. Os bofes (ou pretensos, não dá mais para confiar...) sentam-se exatamente nas segundas cadeiras de cada fila. E as bichas vão sentando nas primeiras cadeiras, apalpando, tirando o pau para fora, chupando ali mesmo, que importa que veja quem estiver do lado, atrás ou na frente? As bichas chamam a isso "fazer platéia" ou "tricotar". É cansativo e normalmente pouco produtivo, porque os que gostam da linha platéia raramente sobem até o banheiro para completar o serviço.

Atrás da cortina também fica um público específico, durante horas de pé mesmo com vários lugares vagos na platéia. É o pessoal do encostamento, que tem preferência pelo roça-roça furtivo.

Na sala de cima existem duas opções: ou fica-se nas escadas, esperando que alguma alma generosa faça o favor de se achegar, ou se vai até o fundo das laterais, escuríssimo, onde nem a luz nem o filme conseguem alcançar. Ali pode acontecer de tudo, mas tudo mesmo.

Outro fato interessante do Palácio é que o público que não vai para assistir aos horrorosos filmes varia pouco. São sempre as mesmas caras, revezando-se nos dias da semana. Tem gente até que faz piquenique ali dentro: levam nas bolsas enormes desde o papel higiênico e o sabonete (para as abluções íntimas, é claro) até sanduíches, refrigerantes, cachaça e de vez em quando material ainda não legalizado. E passam ali o dia inteiro. O Palácio do Cinema para essa gente é, antes de tudo, uma fonte barata de lazer. (**Eduardo Dantas**)

Cavando ouro em Muriaé

Muriaé, cidade com mais ou menos 70 mil habitantes, localizada na Zona da Mata de Minas Gerais, é um lugar extremamente simpático. No início do mês de maio foi realizado o X Festival da Canção daquela região. Fui convidado para participar do júri. Claro que aceitei. Sempre tive curiosidade de conhecer o lugar, mas no fundo também parti para descobrir algum movimento guei. Confesso que no início fiquei um pouco assustado. Calculei que teria de pegar minha varinha de condão e dar três batidinhas na minha cabeça para me transformar num bofão. Pensei: deve ser uma barra esta cidade do interior de Minas. Afinal a TFP abunda por aquelas bandas. Fui à luta. Logo que chego na cidade procuro sentir um cheiro de pegação. Não consigo. Todos estavam na maior seriedade possível. Nenhuma pintosa andava pelas ruas. Fiquei triste. Pensei: talvez no festival apareça alguma amiga.

A primeira eliminatória do festival estava marcada para começar às 21 horas. Chego antes ao centro da cidade à procura desesperada de uma amiga. Olho para cá, olho para lá e nada. Porra, penso novamente, será que esta cidade é "anormal"? E foi neste exato momento que vejo uma ciscante bichinha, toda feliz da vida, desfilando com seu mais novo modelito. Ufa, digo para mim mesmo, Deus não me abandonou nesta hora difícil. Rapidamente falo com ela. Pergunto se existe algum bar guei. Ela, com ar tranqüilo, aponta para todos os bares e diz: "Serve-se meu bem, aqui todo mundo topa." Fiquei surpreso. Mas logo percebi que a pegação era feita à moda mineira; falando pouco e transando muito. Fiquei com água na boca. Mas meus compromissos profissionais não me permitiram continuar minha pesquisa. Tive que ir para o festival. No palco desfila uma barbaridade de amigas e de lindos sapatinhos. Que alegria me deu! Não preciso dizer mais nada, não é, queridinhas?

No outro dia, na segunda eliminatória do festival, fui mais cedo para o centro da cidade. Era sábado. Aí, quase caí duro. Gente, o que tinha de sapatões e sapatinhos nas ruas era de deixar as amigas do Rio e São Paulo com água na boca. Eram as meninas mais lindas da paróquia. Todas livres e badalando numa boa. Algumas de mãos dadas com seus casinhos. Num dos grupos vi quatro bichinhas totalmente integradas com as mulheres; parecia um verdadeiro comitê guei.

Bom, gente, em relação ao festival, posso dizer que foi uma glória total. O vencedor foi um conjunto do Rio Grande do Norte, cantando a música "Varandas e Quintais", que relata a vida simples do interior do Nordeste. O segundo lugar ficou com "Forró Forrado", defendida pela cidade de Muriaé.

Como de costume, nestas badalações, sempre tem alguém que procura botar lenha na fogueira. Desta vez foi o coleguinha Roberto Moura, do Pasquim, que fez o seguinte comentário: "Conheço este festival há anos, ele é ótimo, mas o mal é que tem muitas lésbicas e bichas." É claro que fiz um escândalo e lhe respondi que se nós estamos ocupando o espaço musical é porque, para a maioria que compra discos, a nossa música é melhor. O que Roberto teve que engolir com um sorriso amarelo... (Adão Acosta)

Estrelas brasileiras em Paris

Eles são Les Etoiles, as estrelas brasileiras de Paris: os únicos artistas brasileiros que realmente fazem sucesso na Europa, já que vivem lá, gravaram vários discos e têm trabalho para o ano inteiro. Tanto que, quando vêm ao Brasil, é de férias, como aconteceu agora há pouco: Rolando e Luís Antônio ficaram alguns dias no Rio, fizeram dois **shows** improvisados — um no João Caetano, outro no Carlos Gomes —, e voltaram para os seus compromissos europeus: famosos lá, mas ainda praticamente desconhecidos aqui. O que é uma pena, porque — não apenas por causa da purpurina, das plumas e dos paetês — os dois são bons **mes-mo**. De qualquer modo, esperando que alguma gravadora se lembre de importar os discos europeus da dupla, a gente fez uma entrevista com eles aqui na Redação: ouçam Les Etoiles.

Rolando e Luís Antônio: as estrelas

Zé Fernando — **O Rolando me disse há 14 anos, quando fizemos teatro juntos, que o que ele gostaria mesmo de fazer era cantar. Ser conhecido do público brasileiro não como ator, mas como cantor. E hoje em dia, ele é mais conhecido como cantor, mais do público francês. Isso foi bom para vocês? É legal? Vocês não preferiam ter saído daqui conhecidos?**

Rolando — Bem, acho bom na medida em que nada foi programado. Não nos propomos a sair daqui e realizar um trabalho na Europa. Foi tudo coincidência.

Aguinaldo — **O Luís Antônio já tinha uma carreira mais ou menos iniciada aqui no Brasil. Era um artista já conhecido. Já no final, antes da ida para a França, ele já tinha um tipo de apresentação bastante solto. Vocês foram para a Europa em que ano?**

Rolando — Em 1972. Eu saí em junho e o Luís Antônio em setembro.

Luís Antônio — Eu integrava um conjunto, o Som livre, depois conhecido por Aquarius.

Rolando — Desse grupo saiu também o Burnier, que hoje tem um trabalho conhecido. Faz trilha de novelas.

Aguinaldo — **Você era do MAU, Movimento Artístico Universitário...**

Rolando — Sim, foi quando eu me profissionalizei. Era do MAU, que tinha também o Gonzaguinha, o Ivan Lins e um programa na TV Globo, o Som Livre Exportação. Depois cada um foi por um caminho. Eu cheguei a gravar um compacto pela Fonogram, mas logo em seguida, apareceu um convite para a Europa. Fui com o Ronnie, que trabalhava no Bossa Rio. Os cantores do grupo eram eu e a Marli Tavares. Viajamos um ano pela Europa. Quando terminou o grupo, eu pensei: "vou ficar para ver o que acontece". O Luís Antônio ficou lá também depois que o seu grupo acabou. Por coincidência, acabamos trabalhando juntos.

Aguinaldo — **O encontro de vocês então foi por acaso?**

Rolando — Por acaso. A gente estava em Barcelona e fomos assistir a um amigo cantar em uma boite. O dono da boite pediu que nós cantássemos, primeiro separados e depois juntos. No final, ele falou conosco: "gostaria tanto de ter vocês aqui, pena que sejam tão caros". Eu disse: "Bem, podemos conversar". Quatro dias depois, começamos a cantar. E não nos separamos mais. Depois, a gente recebeu um convite para ir a Paris. Inicialmente, não queríamos largar Barcelona, pois preparávamos o nosso primeiro disco. Mas a gente acabou indo. Iríamos ficar 15 dias e depois voltar. Nada. Ficamos de vez.

Aguinaldo — **Quando se encontraram, vocês já tinham essa forma vistosa de se apresentar individualmente ou isso nasceu do encontro de vocês?**

Rolando — Essa transação visual sempre aconteceu, paralelamente. No trabalho do Luís Antônio e no meu. Tinha sempre uma purpurina aqui, um negocinho ali.

Aguinaldo — **Que tipo de músicas vocês cantam?**

Rolando — Tudo que dá na veneta. Mas somente música brasileira. De Assis Valente a Djavan. Gravamos três LPs e dois compactos.

Luís Antônio — Gonzaguinha a gente lançou lá. Joyce, Lecy Brandão, Caetano, Gil.

Mário Valle — **Vocês são dois brasileiros em Paris e só cantam música brasileira e em português. Por que adotaram o nome Les Etoiles?**

Luís Antônio — Não fomos nós, foi o público. Éramos conhecidos por Rolando e Luís Antônio. Mas o público passou a nos chamar Les Etoiles, carinhosamente. A gravadora gostou, todo mundo adorou e acabou ficando. "Vocês nasceram estrelas mesmo", diziam.

Francisco — **Mas, pelo que eu entendi, o público de vocês em Paris é mais brasileiro que francês.**

Rolando — Absolutamente. A gente teve um cuidado imenso no nosso primeiro disco. Não se colocou a palavra Brasil. Quando chegamos em Paris, a música brasileira não estava bem definida. Os mais intelectualizados achavam que era música de protesto e o grande público pensava ser **oba-oba**, carnaval. Muita gente que não gostava de música brasileira passou a gostar por causa da gente.

Francisco — **Aliás, a bem da verdade, eu conheço quatro ou cinco franceses que passaram a gostar de música brasileira por causa de vocês.**

Rolando — Antigamente, a música brasileira estava muito dividida. Muita gente gostava de jazz e também gostava de música brasileira, mas não conhecia Cartola, Clementina. Gostavam de uma música brasileira mais sofisticada, a que passou pelos Estados Unidos.

Zé Fernando — **O jornal Última Hora publicou uma matéria sobre vocês e disse: "o travesti Luís Antônio". Eu percebi que o Luís Antônio ficou indignado. Por quê?**

Luís Antônio — Ora, o palhaço anda maquilado e ninguém diz que palhaço é travesti. O fato de se maquilar não significa que você seja um travesti. Qualquer pessoa tem o direito de colocar em cima o que quer. Não somos travestis: somos duas pessoas que nos maquilamos como queremos. É uma opção.

Mário Valle — **Mas você, Luís Antônio, como travesti, poderia substituir a Eddy nas Frenéticas...**

Rolando — E ela poderia substituí-lo também em nossos shows.

Mário Valle — **Eu conheço o Luís Antônio de velhos carnavais. O Luís Antônio era aquele garotão careta, que cantava de smoking e gravatinha tipo Nélson Ned. De repente, você me aparece de brinco, mil anéis nos dedos, colar. Isso foi os ares de Paris?**

Luís Antônio — Foi a minha cabeça que mudou.

Aguinaldo — **Hoje você se sente mais a vontade do que naquela época?**

Luís Antônio — Não, naquela época me sentia a vontade porque era careta, ora. Agora eu sou assim. Eu colocava gravata porque tinha de cantar no Sílvio Santos. Hoje, quando eu coloco uma gravata é que eu me sinto travesti.

Alceste — **E com relação a você, Rolando?**

Rolando — Acho que minha cabeça continua a mesma. Não houve mudanças significativas em termos de estrutura. Acho que só ganhei um sotaque.

Zé Fernando — **Uma coisa que me surpreendeu no espetáculo que vocês fizeram aqui no Rio, foi a reação do público. Teve muito ui-ui. Brincadeirinhas. Vocês brincaram até um pouco também.**

Luís Antônio — Mas isso é o entusiasmo das pessoas que querem participar do espetáculo.

Rolando — Se fosse um ui-ui agressivo a gente seria o primeiro a se tocar.

Alceste — **O que fariam?**

Rolando — Eu soltaria a minha Pomba Gira.

Luís Antônio — **Em Paris, se acontece de uma pessoa soltar uma gracinha e a gente sabe de onde vem, manda parar o show e diz assim: "luz naquela mulher. Quem é a senhora? A senhora faz o quê? É de onde? Está gostando do espetáculo? Não, não está gostando. Então ela vai sair. Não vai meninos? Se ela não sair, não continuamos o show. A senhora pode receber de volta o que pagou, mas vai embora". E colocam ela pra fora.**

Mário — **E os travestis brasileiros em Paris?**

Rolando — **Não estou por dentro. Nós, fizemos uma temporada uma vez em um teatro do Pigalle, localizado em uma rua que só tem** travestis brasileiros. De vez em quando a gente via um deles na platéia. Na saída ou quando chegávamos a gente escutava um gritinho: "tá boa santa?"

Zé Fernando — **E o público francês?**

Rolando — Às vezes um ou outro joga um bilhetinho com um convite. Casais principalmente. A mulher chega, começa a cercar a gente, fazendo jogo porque o marido está a fim. Casais que, afinal, não são tão casais assim.

Ze Fernando — **E vocês nunca fizeram nenhum trabalho paralelo?**

Rolando — Imagina. De vez em quando eu tenho até vontade. Queria ter coragem porque eu vejo tanta gente se virando. Brasileiro é fogo. Ele se vira mesmo. Você vê gente que está lá morando em apartamentos luxuosíssimos. Como é que pode, não trabalha, se vira... Às vezes são pessoas bonitas ou têm atributos maiores.

Aguinaldo — **E nesse tempo todo, vocês tiveram mais transas com brasileiros ou com europeus?**

Rolando — Mais com europeus. Os brasileiros sempre estão de passagem.

Zé Fernando — **Complementando: os dois, além de bons cantores, são considerados as duas melhores camas brasileiras em Paris.**

Rolando — Inventando isso agora...

Zé Fernando — **É muito comum o artista brasileiro fazer uma apresentação qualquer em Paris e sair dizendo que fez sucesso. Vocês eu sei que são sucesso. A Eloina sempre diz que vocês são conhecidos em Paris pelos franceses. Em 75, tentei assistir a uma apresentação de vocês em uma boate e não consegui. Bem, vocês poderiam dizer quem realmente faz sucesso em Paris?**

Rolando — Milton, Caetano, Gal, a Maria de Nazaré. A Maria de Nazaré faz um sucesso incrível. Está vendendo muito disco.

Zé Fernando — **É verdade que a Eliana Pittman não fez sucesso na França por causa da mãe, a Ofélia?**

Rolando — Mas as duas sempre vão lá so de **shopping**...

Aguinaldo — **Vocês acham que a cabeça das pessoas no Brasil avançou?**

Rolando — As coisas me parecem caóticas. às vezes você encontra gente com a cabeça feita e às vezes encontra amigos que já tiveram cabeças feitas e não têm mais. Mas quando viemos ao Brasil, não saímos do Rio. E viemos sempre no verão. Eu estou a fim de passar o inverno aqui.

Aguinaldo — **E o visual das pessoas? Está melhor? Está pior?**

Rolando — O visual também tem a ver com a cabeça das pessoas, com a fase que o país está passando, com o poder aquisitivo.

Alceste — **Se você tivesse de fazer uma análise do Brasil a partir do visual das pessoas, o que diria?**

Rolando — O corre-corre é tão grande que as pessoas não têm mais tempo de se olhar no espelho e cuidar do seu visual, de se transar. As pessoas estão batalhando muito. Salvam-se apenas as pessoas de maior poder aquisitivo, que se podem dar ao luxo de fazer um modelito e sair à rua. E a época que eu venho é sempre verão, é muito colorida.

Aguinaldo — **Nós entrevistamos o Fernando Gabeira logo que chegou ao Brasil e ele nos contou que vocês, certa vez, quiseram fazer um show para os exilados e que houve, entre os exilados em Paris, uma minoria é claro, uma certa reação contra.**

Rolando — Eu tomei conhecimento dessa história através do livro do Gabeira e eu achei que ele tinha inventado.

Aguinaldo — **Mas vocês fizeram o show?**

Rolando — Nada. Nós não fomos sequer comunicados.

Luís Antônio — Foi uma coisa entre eles. Eu não conheço nem o Gabeira.

Rolando — A história que me contaram foi a seguinte. Eles queriam fazer um espetáculo para a anistia. Um espetáculo musical, um show. E como nós somos as figuras mais populares em música brasileira em Paris, alguém propôs o nosso nome. Ficaram de nos escrever, mas até hoje não chegou nenhuma carta ou telefone. No dia do espetáculo, houve certa indignação por parte de algumas pessoas quando não nos viram nos apresentado. Quiseram uma satisfação entre eles mesmo. E alguns disseram que era um movimento político e que não deveria ter homossexuais. Mas isso é uma história deles, que começou com eles e morreu com eles. Se o Gabeira colocou no livro, eu acho ótimo porque o livro teve uma ótima vendagem e todos ficaram sabendo que existe o Les Etoiles.

Aguinaldo — **O Gabeira dá muita importância ao fato porque acha que, graças a rejeição dessas pessoas a vocês, rejeição de uma minoria, pode se discutir, pela primeira vez entre os exilados, a questão da sexualidade.**

Rolando — Isso é muito importante. Além do fato de aparecer no livro do Gabeira, o que eu acho um luxo.

Viado gosta de apanhar?

A frase, utilizada em todo o material de promoção do filme **Cruising** ("Parceiros da Noite"), falava de "uma isca homossexual para atrair o assassino". Homossexual? Para as bichinhas brasileiras, cujo sadomasoquismo nunca vai além das estocadas verbais que costumam trocar entre si, os homossexuais do filme já pareciam suficientemente exóticos; o que dizer dos hetero, então, que se dignaram a ir ver o filme atraídos pelo tal **slogan?**

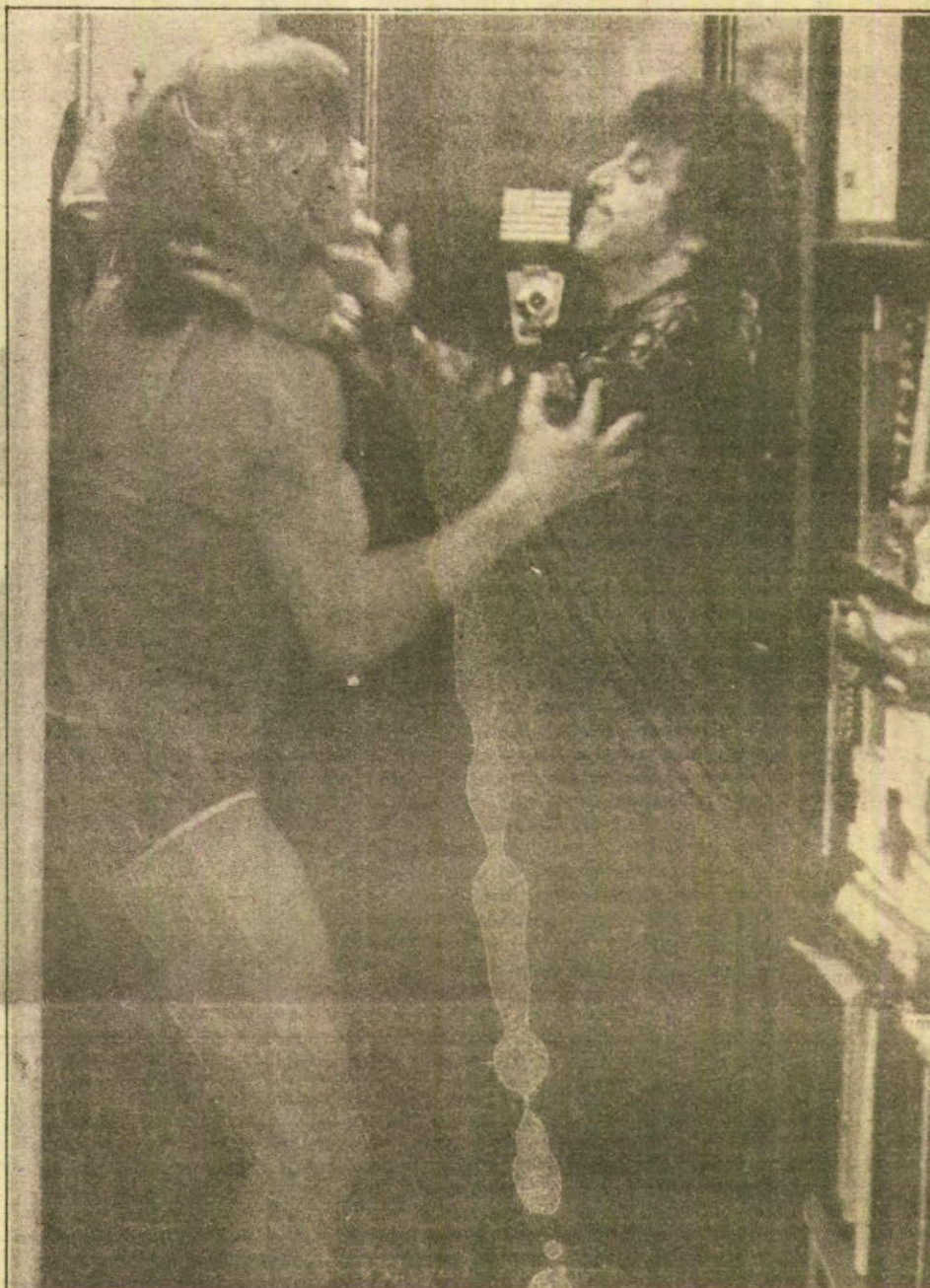
Afinal, não é de homossexuais que **Curising** está falando, mas sim, de uma parcela bastante específica da homossexualidade, tão específica que só sbrevive, daquele modo — digamos assim — tão comunitário, em dois quarteirões de Nova Iorque: é o quartel-general das bichas de couro, homossexuais que, desdenhando a versão **camp** do homossexualismo, que prega a reprodução, de forma caricaturada, do ideal que o machismo estabeleceu para o feminino, adotam a postura exatamente contrária: a de reproduzir, em seus gestos, e na maneira de vestir, a virilidade levada às últimas conseqüências, até torná-la, igualmente, uma caricatura da caricatura.

Aqui no Brasil, por exemplo, eu só conheci uma bicha de couro. Morara alguns meses nos Estados Unidos, e era conhecida como Bunda Loura (diziam as más línguas que suas tendências americanófilas levavam-na a oxigenar até os pelos do traseiro...). Uma verdadeira figura, a Bunda Loura, a desfilar de vez em quando pela Via Ápia com seu blusão de motociclista e suas botas de vaqueiro, a provocar muxoxos de desdém das bichinhas pintosas, que achavam toda aquela machice altamente suspeita...

No caso de **Cruising**, aliás, o primeiro mal-entendido foi o movimento guei norte-americano, que, ao iniciar uma campanha contra o filme — segundo eles, "Parceiros da Noite" iria provocar uma onda de violência contra homossexuais nos Estados Unidos —, lhe deram uma notoriedade que só serviria para prejudicar o movimento: quem tinha alguma curiosidade em torno do mundo guei, tratou de ver o filme tão badalado e saiu dele com uma noção errada sobre este mundo.

Além disso, ao centralizar o debate nessa questão, as bichas americanas o desviaram de um assunto muito mais abrangente (no qual, diga-se de passagem, o filme toca muito de leve; apenas sugere): de como o ideal machista da virilidade, levado às últimas conseqüências (mesmo por homossexuais) se transforma em perversão. Para aquela parcela de homossexuais mostrada em **Cruising (vide o artigo abaixo de Seymour Kleinberg)**, em sua insensível busca da masculinidade, "não há limites: as mais opressivas imagens da violência e dominação sexual são adotadas sem hesitação"; inconscientemente, num ritual de **grand guignol**, eles reproduzem entre si, os padrões com os quais a sociedade heterossexual e machista sempre os reprimiu; e ao acreditar nestes padrões, eles se transformam em perigosos aliados daqueles que os castigam.

O filme de Friedkin levanta a ponta dessa questão, mas não o faz intencionalmente. Na verdade, o diretor (que é também o roteirista), mesmo partindo de um livro muito interessante (de Gerald Green: já há tradução em português), não foi tão ambicioso quanto, por exemplo, em **O Exorcista;** limitou-se a fazer um **thriller,** que tenta se sustentar na rigorosa **misen-scene** para driblar as falhas do roteiro (o modo como o policial chega ao assassino, examinando o álbum de fotos dos alunos da Universidade de Colúmbia, por exemplo, é de uma pobreza de fazer dó...), mas nem mesmo por este caminho consegue ir muito longe, a não ser quando as preocupações "documentais" da câmera cedem lugar ao modo **voyeurista** como ela passeia sobre alguns corpos, ou sobre algumas situações (a rápida sessão de **fist-fucking**), por exemplo.

No fim, quando o policial, mocinho e bem-pensonte se transforma finalmente numa bicha-macha, e está, desta forma, capacitado para matar (e as tais "opressivas imagens de violência e dominação sexual" de que fala Kleinberg são reproduzidas, de maneira exemplar, no duelo a faca entre a bicha-macha-policial e a bicha-macha-assassina, a gente se pergunta: porque tanto barulho? Para mim, os ativistas gueis norte-americanas cometeram um grande engano; "Parceiros da Noite" não é um filme sobre a homossexualidade, e sim, sobre o machismo. (**Aguinaldo Silva**)

Al Pacino: a bicha-macha-policial agredindo uma bichinha

Uma visita ao QG das bichas de couro

No início de maio deste ano fiz uma visita ao Anvil Bar, boate guei de Nova Iorque. Há muito tempo queria descobrir se tinham fundamento as notícias escandalosas que ouvia a seu respeito. Eu não tinha o indispensável cartão de sócio, mas um amibo apaixonou-se por um **go-go-boy** da casa, tornou-se sócio e me levou para conhecer Daniel.

A boate realmente faz jus à fama que tem. Os rapazes dançam ininterruptamente em cima do balcão quadrado e se despem mesmo, como me contavam. Numa sala atrás, reluzem continuamente numa pequena tela filminhos pornográficos, cujo principal espectador parece ser o próprio projecionista, que os observa com um ar hipnotizado. Um cubículo de escuridão absoluta, mais escondido, é popularmente conhecido como o **fuck-room.** No meio do salão principal vê-se um palco elevado a cerca de metro e meio, onde se realizavam demonstrações de **fistfucking** às três da manhã, caso a platéia evidenciasse entusiasmo; mas estes espetáculos espontâneos foram cancelados quando começaram a atrair "turistas" de outras discotecas. Agora, o palco é utilizado pelos freqüentadores, que se exibem em variados números de dança à luz dos refletores: de universitários a quarentões, dos profissionais (de tudo) a amadores. Há tipos para todos os gostos, e alguns para nenhum. Sempre há rostos novos, e a gerência é bastante liberal para permitir que qualquer um com um corpo razoável faça o seu número. Sempre aparece alguém que estudou dança e é ingênuo o suficiente para deixar isso bem evidente, sendo invariavelmente o menos apreciado pela platéia.

Daniel, o caso do meu amigo, é fora de série. Ele é um dos poucos capazes de fazer uso do trapézio preso ao teto com habilidade. Sem quebrar o ritmo de sua dança, ele salta para o ar e passa quatro ou cinco minutos balançando-se ou passando de uma barra a outra com o maior desembaraço. Terminando a exibição aérea, pousa de um salto novamente no balcão do bar e continua a dançar, como se nada tivesse acontecido. Daniel nunca caiu (é comum que outros quebrem o nariz ou fraturem um braço), muito menos em cima de um dos clientes.

Sua outra especialidade consiste em recolher com as nádegas as notas de um dólar ou cinco dólares que os presentes mais entusiastas lhe estendem, entre os dentes. Seu traseiro irrepreensível baixa, sempre ao ritmo da música, até o rosto estendido do cliente, e chovem aplausos quando o dinheiro desaparece entre suas róseas e enrijecidas "bochechas".

Daniel parece um atleta universitário ou um trabalhador da construção civil, os dois tipos mais em voga ultimamente. Quando está vestido, é com o uniforme do momento: camisa xadrez e jeans — ou um simples macacão, se estiver muito quente — e botas ou sapatões de operário da construção. Com os primeiros sinais de frio, é obrigatória a jaqueta de couro. Nisso ele é como a maior parte da clientela.

Ele é ainda bem representativo de um dos tipos de clientes por ser um masoquista, um "escravo" que só dorme com outros homens se tiver permissão de seu "senhor" (que o instrui a cobrar alto). Embora o masoquismo de Daniel assuma contornos pecuniários, ele não é realmente um michê, pois não liga para dinheiro, guardando apenas o de que precisa para suas roupas e badulaques, para o fuminho e o pó. Ele dança freneticamente quatro noites por semana e faz o que lhe mandam porque acha excitante. Aos 22 anos, muito pouco ele ainda não experimentou sexualmente, sendo seus gostos já tão pervertidos quanto pode imaginar a Civilização ocidental.

Parece difícil acreditar que este rapaz de rosto suave e corpo de nadador leva uma vida sexual mais radical do que qualquer coisa descrita pelo Marquês de Sade. Sua vida, descrita por ele mesmo, parece um interminável filme pornô, mas os episódios geralmente deixam o interlocutor obstruído de julgamentos morais. Embora seja possível excitar-se eroticamente ao ouvir suas aventuras, é difícil julgá-las sem se sentir muito pudico. Os padrões morais convencionais, no caso, passam pela tangente, e os psicológicos se mostram irrelevantes. A pessoa que o ouve não fica chocada, mas antes intrigada, ou talvez bestificada. Acima de tudo, este rapaz encantador parece alguém muito remoto.

Uma vez que se vai ao Anvil, ou a tantos lugares semelhantes, o que se pode fazer para compreender este espetáculo? Alguns, como eu mesmo, são evidentemente apenas a audiência de um drama que só os próprios intérpretes entendem. A intuição não merece confiança, e os julgamentos fáceis nos fazem sentir como turistas. Mas, queiramos ou não evitar os julgamentos de valor, uma coisa é certa: a atitude predominante é a de uma estudada masculinidade. Nada de desmunhecadas ou requebros excessivos. A maneira de andar, de falar, o tom de voz, as roupas, a aparência geral são corretíssimos: estamos em terra de machos. Estamos num lugar rigoroso, onde o indivíduo se destrói em ritual de humilhação sexual.

Na verdade, os jovens homossexuais parecem ter abjurado o efeminamento com universal sucesso. Corpos musculosos laboriosamente cultivados durante todo o ano parecem ser o padrão; a agilidade atlética e cheia de juventude é o estilo adotado por todos.

Mas o fato é que falando-se, dormindo-se ou fazendo-se amizade com estes homens verifica-se que os problemas são os mesmos: infelicidade no amor, solidão quando não se está amando, frustração e ambigüidade no trabalho e um monumental egotismo que exarceba o resto.

O que entretanto difere de tudo mais é a insensível busca da masculinidade. Não há limites: as mais opressivas imagens da violência e dominação sexual são adotadas sem hesitação. Os homossexuais, que adotam imagens de masculinidade que veiculam seu desejo de poder e sua crença na beleza, estão na verdade erotizando os mesmos valores da sociedade **straight** que tiranizam suas próprias vidas. É a tensão entre este estilo e o conteúdo de suas vidas que pede a libertinagem sexual que exibem. Antigamente, a duplicidade das vidas escondidas encontrava alívio no comportamento efeminado excessivo e caricato; agora, a supressão ou negação do problema moral implicado em sua escolha é muito mais nociva.

É esta a mensagem central do mundo das boates machistas; a masculinidade é a única verdadeira virtude; os demais valores são desprezíveis. E a masculinidade, no caso, não é alguma noção filosófica ou um estado psicológico; não está sequer vinculada moralmente ao comportamento. Ela redunda exclusivamente da glamurização da força física.

A idéia da masculinidade é tão conservadora que quase chega a ser primitiva. Que os homossexuais se sintam atraídos por ela, achando-a

gratificante, não chega a ser uma surpresa.

Existe um erotismo especial na experiência de fingir degradar-se, e este erotismo não é de forma alguma raro no comportamento sexual adulto de qualquer tendência. O homossexual cujos sentimentos eróticos são exaltados pela ilusão de que o parceiro o despreza, que se emociona quando lhe dizem que seu ânus ou boca parecem uma vagina, está envolvido num complicado processo de auto-ilusão. O que parece ocorrer é uma variação homossexual do masoquismo: o desprezo do parceiro **straight** provoca o auto-desprezo guei, que por sua vez é explorado como afrodisíaco. É menos clara a razão deste processo do que o seu funcionamento.

A complexa vinculação entre a necessidade de degradação e o excitamento sexual — que começou a ser explorada por Freud há mais de 80 anos — parece mais freqüente em sociedades avançadas, onde os costumes sexuais são liberais ou ambivalentes, e onde é muito sofisticada a vida intelectual. Em nossa época, quando as mulheres redefinem seus papéis e imagens, os homens devem fazer o mesmo. Embora os homens **straights** definam suas idéias segundo uma série de parâmetros (força, realização pessoal, sucesso, dinheiro), dois deles sempre se manifestam: suas atitudes em relação às mulheres e à paternidade. Não é mera coincidência que numa mesma década se tenha, por um lado, popularizado a liberação das mulheres e o conceito de que a família nuclear fracassou, e, por outro, tenham os homens voltado a um estilo andrógino e de cabelos longos. Se os homens **straights** estão confusos quanto à sua masculidade, qual o dilema enfrentado pelos gueis, que quase sempre pouco mais fizeram que imitar suas idéias?

Não é acidental que o comportamento machista se destaque sempre nos bares e locais gueis dos quais estão totalmente ausentes as mulheres. Enquanto ali se encontram, os homens, naturalmente, estão vivendo como se não houvesse mulheres no mundo. Esta ilusão é útil. Ela permite a alguns, depois de uma investida pelo **fucking-room**, escapar do sentimento de culpa que decorre do desprezo universal pelos homossexuais que se comportam sexualmente como mulheres. Se não há mulheres no mundo, alguns homens simplesmente têm de substituí-las. Ausente qualquer sentimento de realidade das mulheres, o fato de ser sexualmente ativo ou passivo deixa de ser a grande questão.

Na verdade, muitos homens de aparência extremamente viril são os mais liberados na cama, os menos presos a um papel.

Quando o chamado comportamento **camp**, de efeminamento extravagante, começou na década de 50 a liberar muitos gueis da raiva contra seu próprio modo de vida às escondidas, tornou-se também uma arma, além de uma crítica. O comportamento de imitação grotesca ou ridícula tornava evidente a intenção de criticar atitudes sexistas, ou posições que as mulheres assumiam ou eram obrigadas a assumir de tal forma que a feminilidade, artificialmente exacerbada, as privava de sua humanidade. Por isto é que as feministas censuram travestis e bonecas que ainda tentam ostentar os escravizantes emblemas do passado. Esta censura seria válida se fosse sincera a imitação dos travestis. Mas estes não têm a ilusão de que são mulheres: só com os que já beiram a loucura isso acontece. Os demais têm um compromisso com a ambiguidade: não são nem homens nem mulheres, e raramente andróginos; a essência de seu comportamento é neutra.

Quando um guei diz a outro: "Roda logo essa baiana, boneca!", está na verdade zombando da pretensão, do excessivo pudor ou do engano sobre si mesmo em que incorre o outro. O comentário, querendo lembrar que o companheiro de bichice não passa na verdade de uma mulher, e provavelmente em posição de desvantagem, pode não ser politicamente louvável, mas por que deveriam os gueis ter um especial nível de consciência sobre o sexismo? Pelo menos eles têm um inegável faro a esse respeito; eles imitam as mulheres por compreenderem que são vítimas das mesmas idéias masculinas sobre a sexualidade. Gerações inteiras de mulheres se definiram segundo os termos masculinos, e os homens freqüentemente parecem aceitar os mesmos valores.

Mas também existe neste tipo de comportamento um dolorido reconhecimento de que não podem atender às expectativas. Eles não podem ser homens no sentido em que os heterossexuais definem a masculinidade; acima de tudo, não podem ser homens porque não dormem com mulheres que geram filhos. Entre os valores da virilidade que nãc questionam e o desespero por não terem aparentemente alternativas, os gueis exorcizam sua frustração através do comportamento **camp**. Nos Estados Unidos de até alguns anos atrás, não era esta uma maneira particularmente eficiente de acabar com a opressão, mas pelo menos um velado desafio, contra uma sociedade que os humilhava.

Um número cada vez maior de gueis americanos recorre ao termo "feminista", com respeito a si mesmos, à medida em que reconhecem o que há de comum na opressão que sofrem os homossexuais e as mulheres. Se as mulheres, no passado, provavelmente se desprezavam menos por serem mulheres do que os gueis por serem homossexuais, isto acontecia em parte porque as mulheres eram recompensadas por sua submissão, não experimentando, por outro lado, o sentimento de terem traído o seu direito à progenitura. Os homossexuais geralmente desistiam da paternidade e de outras prerrogativas, muito freqüentemente sentindo-se por isso roubados. Eles trocavam a simplicidade de serem opressores fálicos por vantagens muito mais duvidosas, ficando patente a sensação de que haviam traído seus mais legítimos interesses. À medida em que mais e mais gueis percebem o colapso das idéias convencionais de masculinidade, torna-se mais fácil para eles esquivar-se ao fútil sexismo que partilhavam com os homens heterossexuais.

Infelizmente, os heterossexuais apegam-se com tenacidade cada vez maior, às suas definições sexuais. A campanha para "salvar nossas crianças", por exemplo, manifesta claramente, através da hostilidade e da fobia que transmite, o medo de que algumas crianças estarão "perdidas", perdidas para o patriarcado, para os valores do passado, para a perpetuação das idéias convencionais sobre homens e mulheres.

A suposição de que a heterossexualidade é intrinsecamente frágil, de que o mero conhecimento de que algum professor ou qualquer pessoa é guei automaticamente seduzirá esta ou aquela criança decorre do pânico sobre novas idéias sexuais, mas, sobretudo, sobre a identidade das mulheres. Grande parte da atual onda de veemência quanto à defesa das crianças reflete na verdade, uma indignação muito mais característica contra as mulheres, que tratam de reavaliar suas idéias sobre a criação de filhos. Qualquer questão política fica muito mais séria quando se levanta o problema das mulheres e da maternidade. Dessa forma, não apenas a criação dos filhos, como também a oposição ao aborto obtém um apoio que intriga os liberais dos Estados Unidos. O que estas questões têm em comum é a tentativa das mulheres de se libertarem dos papéis convencionais, e basicamente dos que representam como mães. Esta liberação constitui a primeira onda; a segunda, muito mais perigosa, está sob a superfície: ela exige que os homens se liberem também de suas idéias, já que as principais idéias sobre a masculinidade sempre estiveram relacionadas às nunca questionadas responsabilidades dos homens como maridos e pais.

O principal argumento da campanha "salvemos nossas crianças" é que os homossexuais deveriam voltar a se esconder. Isto resolveria o problema dos **straights**, já que o que aterroriza é o que se vê. Ser guei sem arrependimento, culpa ou vergonha, é o mesmo que demonstrar que existem alternativas viáveis para estilos de sexualidade. Mas a real alternativa para as crianças não é necessariamente a homossexualidade, mas a rejeição de velhas verdades sobre masculinidade e feminilidade.

Ironicamente, os freqüentadores do Anvil não rejeitaram em absoluto, essas verdades. Sua nova pseudo-masculinidade é uma resposta direta às confusões de uma sociedade que se aventura no terreno da redefinição →

"Cruising": as bichas de couro, como num museu de horrores

da sexualidade. Mas é, à sua maneira, tão reacionária quanto a histeria da campanha "salvemos nossas crianças".

O que é triste sobre os homens das jaquetas de couro é que a passagem para o lado do inimigo não os livrará do opróbio. Quando chegar o dia, eles estarão entre aqueles que a Klu Klux Klan ataca. Parece estar sendo ignoradas as lições dos negros que renegavam sua negritude ou dos judeus que juravam ser **alemães** assimilados. Para certos brancos, tudo que não é branco é negro; para os nazistas, um judeu é um judeu. Dar boas vindas ao inimigo não o aplaca; muitas vezes, serve apenas para torná-lo mais vicioso, furioso por ver que sua vítima aprova seu escárnio.

Para alguns homens, o estilo machão é a idéia que têm do lúcido, uma outra versão do uniforme guei, mas o fato é que de qualquer maneira importa, e muito, como se vai vestido ao baile. Indo como a fada mãe de Cinderela, você pode desrespeitar a lei. Indo como Anjo do Inferno, poderá estar brutalizando sua própria alma.

Não é uma coincidência que nos bares e boates onde se cultiva o gênero machão e nas saunas libertinas a incidência de impotência seja tão alta que já nem chama a atenção, ou que os gueis recorram cada vez mais aos brinquedos e **gadgets** do sadomasoquismo. Será acaso irrelevante o fato de que a nova imagem guei da virilidade tem sua mais freqüente ilustração na pornografia?

Mas, perguntarão, e se alguém escolhe tornar sua própria vida pornográfica, o que é que tem? Os tempos já não são para a caridade. É óbvio que se alguém erige noções de propriedade, por mais bem intencionadas que sejam, elas imediatamente serão apropriadas pelas piores e mais coercitivas forças de nossa sociedade. Fica-se, então, forçado a aceitar todas as opções de estilo; a alternativa consistirá em aliar-se à opressão. Na arena da política sexual, existe a esquerda e a direita. Aqueles que pensam que estão no meio acabarão descobrindo que o centro é a direita.

Importa realmente que certos homens optem por serem os piores inimigos de si mesmos? O que há de notável nesta mais recente versão de uma história tão antiga? Para começar, a coisa toda é tão desnecessária.... Pela primeira vez na história moderna parece que existem opções reais para os gueis. As bonecas do passado tinham poucas opções, exceto talvez ficar em casa. Não podiam se conformar, embora talvez fingissem consegui-lo. Uma tal maneira de (sobre) viver levava fatalmente ao ódio e ao auto-desprezo. O lado teatral do comportamento **camp** ajudava a preservar uma ponta de sanidade e de humanidade; significava a consciência do próprio desamparo. Voltar ao **huis clos** do machismo é o oposto da consciência. O que mais está ausente do mundo machista das jaquetas de couro é o senso de humor, alguma consciência da ironia das coisas.

Felizmente os gueis são hoje, menos indefesos e desamparados do que por tanto tempo foram. E isto vale a pena ser consolidado numa aliança, se não numa comunidade, com as mulheres e com todo o país liberal que apóia a liberdade da escolha pessoal. Uma tal consciência é mais rica do que aquela que celebra as ilusões do poder e da força masculinas, um engano que realmente deixa qualquer um desamparado. A verdadeira determinação de nossas vidas não poderá ser encontrada nas definições do passado; se ela existe e está em algum lugar, ainda não chegou aqui.

(Este artigo, uma condensação de um trabalho de Seymour Kleinberg, publicado originalmente na revista Christopher Street, **no jornal Gay News e no Lampião nº 8, é agora republicado por nós, primeiro porque nosso nº 8 se encontra esgotado, e segundo porque ele discute, de maneira profunda e atual, um assunto que William Friedkin, em seu filme** Cruising, **não soube ou não quis colocar).**

Richard Cox é a bicha-macha-assassina em "Cruising"

Carta na mesa

Caros amigos do Lampião: depois que vi o filme "Cruising (um filmaço, por sinal) fiquei com uma vontade louca de fazer aquilo tudo que aqueles caras da boate (aquilo é boate de entendidos?) faziam. Por isso gostaria muito que os srs. me dissessem se aqui no Rio existe esse tipo de boate (e qual o endereço?), pois gostaria muito de ir. Agradeço muito desde já, e por favor, mandem-me a resposta através do Lampião de junho, se possível, falou? Um abração todos desse jornal, que é simplesmente joião!

Julian Macedo — Rio.

R. — Caro Julian, infelizmente não podemos satisfazer o seu desejo. Não existe no Rio — e até onde sabemos, em São Paulo — nada de parecido com as boates de entendidos sado-masoquistas mostradas em "Cruising". De qualquer modo, sua curiosidade em torno do assunto é ótima, porque já desmente um pouco o artigo de Aguinaldo Silva, pra quem o sado-masoquismo não vingaria por aqui. A gente aproveita a ocasião e faz o convite: se alguém souber de alguma coisa a respeito nos escreva, que o Julian está a perigo...

O teatro é uma arte guei?

De alguns anos para cá, os teatros do eixo Rio-São Paulo têm sido tomados por uma avalanche de espetáculos cuja temática principal é o homossexualismo. Desde então, salas são diariamente lotadas por um variado público que procura, desde o reforço para seus preconceitos vitorianos, até a obtenção de informações sobre um tema tão obscuro como esse. Enquanto isso, no palco, na maioria das vezes, apresenta-se pouca qualidade e um falso perfil da realidade.

Para alguns, este "boom" de peças homossexuais acentuou-se nos últimos cinco anos, quando houve um abrandamento da Censura Federal, permitindo assim, a abordagem de temas até então proibidos, por questões políticas ou mero preconceito. Outros, dizendo-se mais realistas, afirmam que o fenômeno ocorre a partir do momento em que os empresários teatrais, os donos da grana, descobrem o rendoso filão homossexual e partem para superproduções. Há ainda os que acreditam que tudo não passa de um simples modismo, tendendo a cair em total esquecimento, tão logo o público se sinta saturado.

Modismo ou não, a verdade é que atualmente, cerca de duas dezenas de textos, com temática homossexual, estão sendo encenados no Rio e São Paulo. O valor das produções oscila entre alguns milhares de cruzeiros, até consideráveis cifras de 4 milhões, como "Bent" (São Paulo) e "As Tias" (Rio). O público parece ignorar a crise e, apesar dos salgados preços dos ingressos — o mais barato custa Cr$ 300, enquanto que as superproduções (?) cobram até Cr$ 600 —, formam-se filas extensas diante das bilheterias desses espetáculos, chegando a esgotar sessões.

HOMOSSEXUALISMO CAUSA PROTESTOS

Não é de hoje este interesse do teatro pelos homossexuais. Desde a Grécia Antiga, as bichas sempre atraíram multidões aos espetáculos. Mesmo no Brasil, onde o teatro conta com uma curta e tortuosa história, sempre marcada por influências alienígenas, observa-se já na década de 30 a presença do homossexual, em esquetes do antigo Teatro de Revista, onde sempre era apresentado de uma forma grosseira e ridícula.

Em fins da década de 50, além do preconceituoso texto de Robert Anderson, "Chá Simpatia", que não fugia dos esquemáticos estereótipos já apresentados pela Revista, o público brasileiro pôde finalmente, assistir, ao primeiro espetáculo que mostrou o homossexual de uma forma séria e não preconceituosa. Tratava-se de "Gata em Teto de Zinco Quente", de Tennesse Willians, que causou espantos e protestos, como relata o ator Nildo Parente, atualmente em "As Tias". "Naquela época, homossexualismo era o maior tabu. Eu me lembro que em 58, quando ainda era aluno da Escola de Teatro, fui assistir "Gata em Teto de Zinco Quente", que tocava de raspão no assunto, e as pessoas, ao verem o espetáculo, ficavam assustadas, sem ação, e até indignadas, porque essas coisas não eram colocadas no dia a dia, não eram tocadas. O Ziembinski falava um "puta que pariu", que abalava. Tinha gente que, inclusive, saía no meio do espetáculo. Mas depois a coisa foi se abrindo..."

VAIADOS, HOMENS QUE SE BEIJAVAM

No início da década de sessenta, o escândalo maior ficou por conta de "Panorama Visto da Ponte", onde pela primeira vez, em teatro, dois homens se beijavam, no centro do palco. Um "puro" adolescente, interpretado por Miguel Carrano, atualmente no elenco de "Blue Jeans" (montagem carioca) era beijado pelo "pervertido" Leonardo Villar, com tanta intensidade que atingia em cheio as barreiras e os preconceitos do público, a ponto deste vaiar, como narra o próprio Miguel Carrano. "Em 'Panorama Visto da Ponte', quando eu levava um beijo do Leonardo Villar, o teatro inteiro vinha embaixo. Vaias, protestos, pessoas saindo, gritos de **'que Viadagem!'**, era uma barra. Eu esperava, a qualquer momento, que o público invadisse o palco e nos linchasse."

Mas com a permissividade decorrente da revolução dos costumes ocorrida nos anos sessenta, o teatro se apresentou mais ousado em suas encenações e, como diz Nildo Parente, "hoje em dia os meninos estão no palco de pau de fora. Temos um monte de textos sobre homossexualismo, ou com personagens homossexuais, sendo encenados. O público não se mostra mais arrogante, e sim curioso em assistir espetáculos deste tipo, que até então, eram raros. Agora, quanto à qualidade dos textos, isto é outra história"

A Direita do Presidente

Blue Jeans, com o elenco da estréia

O musical Village

Terezinha de Jesus

Geni, na Ópera do Malandro

Não me Maltrate Robson

FALCÃO PROIBE, DEFINITIVAMENTE, HOMOSSEXUAIS

Fechando a tumultuada década de 60, mas precisamente em junho de 69, depois de sucessivos e enfastiantes textos estrangeiros, surge no cenário teatral "A Tragédia de Vera Maria de Jesus, Condessa da Lapa", de Fernando Mello, premiado em 2º lugar no importante "Prêmio Coroa de Teatro". Este foi o primeiro texto brasileiro a mostrar o homossexual como um ser oprimido pelo sistema. Finalmente nascia a possibilidade de se ter um espetáculo crítico e consciente, mostrando o ser homossexual de uma forma concreta e situando-o dentro de um contexto político-social, isento dos seculares chavões cristãos e dos carcomidos conceitos da moral dominante, pós 64. Talvez tenham sido estes os motivos que levaram o então Ministro da Justiça, Sr. Armando Falcão, a proibir sua encenação.

Passados cinco anos, prazo estabelecido para que os autores com peças censuradas recorresesem à Justiça, o mesmo Armando Falcão revalida a proibição, afirmando ironicamente. "Esta peça está **definitivamente** proibida em todo Território Nacional". Fernando Mello, ao saber da decisão do Ministro, envia-lhe um curtíssimo telegrama: "Definitivamente?! Quá Quá Quá". Ironias a parte, a verdade é que "A Condessa da Lapa" (**à venda pelo nosso reembolso**) mantém-se inédita até hoje, privando o público de assistir a montagem de um bom texto e reforçando a velha idéia de que bicha só aparece no palco se for grotesca e alienada.

"Greta Garbo, Quem Diria, Acabou no Irajá" (Fernando Mello), "Os Rapazes da Banda" (Mart Crowley), "A Gaiola das Loucas" (Jean Poiret), "A Longa Noite do Antílope Dourado". (Fernando Mello), "O Amor do Não" (Fauzi Arap) e "Ópera do Malandro" (Chico Buarque), foram alguns das dezenas de espetáculos que desfilaram nos anos 70, e que apresentavam uma temática exclusivamente homossexual ou nutriam-se de personagens claramente homossexuais. Os textos ainda são superficiais, apesar de sublimes interpretações como a de João José Pompeo, ator paulista, que ganhou o prêmio Molière de melhor ator, em 78, por seu despojado trabalho em "O Amor do Não", ou ainda Emiliano Queiroz com sua atrevida Geni, em a "Ópera de Malandro".

Segundo Susana Vieira, a Maria de Lourdes de "As Tias", "o teatro brasileiro, quer dizer, o teatro feito no Brasil, numa ou outra peça, sempre abordou o homossexualismo. Na maioria das vezes essa abordagem é feita de forma cômica, irônica e até ridicularizante, nunca de uma forma séria e mais elaborada, talvez até por problemas de censura. Agora, com relação a essa tal avalanche, que eu discordo ser de hoje, deve ser porque viado dá certo. Hoje em dia tem viado em tudo quanto é lugar, não é só no teatro não! Aliás, a maioria das pessoas é viado" ("Até ela", acrescenta alguém, nos bastidores de "As Tias").

HAPPENING HOMOSSEXUAL

"Depois de uma longa fase de repressão — fala Sérgio Fonta, um dos atores de "Village" —, as pessoas começam a procurar vários caminhos alternativos que as levem a um verdadeiro processo de desopressão. Um desses caminhos é a sexualidade, com suas mais variadas formas de expressão, como o homossexualismo. É lógico que sempre existe um pouco de modismo, afinal, vivemos numa sociedade capitalista, mas isso não chega a interferir nos propósitos de uma autêntica liberação do corpo. As pessoas estão acordando e se dando conta de que existem várias possibilidades, e não só aquela unilateralidade de outrora. Historicamente, este processo acontece agora, neste momento, e se reflete no teatro — daí este happening de espetáculos homossexuais —, porque o teatro é uma arte viva, dinâmica, sempre procurando ser uma resposta do homem para o homem."

Dentre os espetáculos que estiveram em cartaz, no ano passado, podemos citar: "Teresinha de Jesus" (Ronaldo Chiambroni), "À Direita do Presidente" (Vicente Pereira e Mauro Rasi) — ambos no Rio; "Não Me Maltrate Robson" (Paulo Affonso Grisoli), "Boy Meets Boy" (apresentado no Café-Teatro Odeon), "Rapazes da Banda" — em São Paulo. Dos vários espetáculos que oculpam, simultâneamente, diversos teatros, no eixo Rio-São Paulo, os mais badalados são: No Rio — "As Tias" (Aguinaldo Silva e Doc Comparato), "Village" (Iran Evans) e "Blue Jeans" (Zeno Wilde e Wanderley A. Bragança). Em São Paulo — "Bent" (Martin Sherman), "Blue Jeans", "Macho Beleza" (Tito Alencastro) e "Garotos de Aluguel" (Carlinhos Lira). Torna-se quase impossível catalogar todos os espetáculos paulistas, em cartaz.

AS TIAS, BLUE JEANS E VILLAGE

"As Tias" conta a história de quatro homossexuais velhos, que vivem trancafiados em uma antiga casa de Petrópolis e que são sustentados por uma sobrinha postiça, Maria de Lourdes, que os visita anualmente. A cada um deles, Maria de Lourdes deve um favor, daí sustentá-los. Em menos de um mês em cartaz, a bilheteria de "As Tias" já é segunda do Rio, sendo a primeira "Ensina-me a viver", de Colin Higgins.

"O que me chama mais atenção em "As Tias" — fala Susana Vieira — é a força e a franqueza dos personagens enquanto seres humanos, e não sua opção sexual. E me parece, no fundo, que os personagens nem sejam homossexuais. Eles são uns curvados, que não transam com a vida e que negaram o sexo à vida inteira. Então, por que eles são chamados de viados? Por que um dia, há 40 anos atrás, eles gostaram de um homem? O homossexualismo deles ficou só na cabeça. Eles se tornaram bichas omissas, o que, até certo ponto, seria motivo para envergonhar a classe".

Contando episódios sobre adolescentes que se prostituem na cidade grande, por não terem como sobreviver, assim é "Blue Jeans", em seu oitavo mês no Rio e há um em São Paulo. O Teatro Senac, todas as noites, tem sua platéia lotada. Grande parte do público é homossexual, o restante é de jovens. Sobram alguns lugares, onde casais de meia-idade exorcizam o futuro que não querem para seus filhos. Durante a encenação, ouvem-se muxoxos e interjeições de piedade. Todos aplaudem Gracinha Tropical, o jovem travesti da peça, atualmente interpretado pelo excelente Paulo Nigry, que dentro do rio de lamentação e superficialidade de "Blue Jeans" é o personagem mais equilibrado e melhor trabalhado.

O dramaturgo e jornalista, norte-americano, Iran Evans, em outubro de 79, estreou no **Stonewall Repertory**, da Rua 14, no colorido Grenwich Village, em Nova Iorque, seu musical "Village", que permanece em cartaz até hoje. A história, baseada em dados biográficos, conta a trajetória de um jovem judeu com seus conflitos existenciais, tentando assumir seu lado homossexual e tendo que conviver com uma sociedade preconceituosa e uma mãe opressora, indo se descobrir no barulhento e colorido bairro novaiorquino, o Village.

Wolf Maia, talvez impressionado com a bilheteria do espetáculo americano, resolveu comprar seus direitos e trazê-lo para o Brasil. Esqueceu-se, porém, que nossa realidade é outra, bem menos sofisticada do que os quarteirões da Christopher Street. "Village", só é capaz de sobreviver devido à sua dinâmica e o profissional desempenho de seu elenco. Há muito não se via um musical com bons atores, um bonito visual, uma interessante coreografia e o mais importante, com pessoas cantando músicas executadas ao vivo pelo excelente pianista Eduardo Prates.

Vale à pena ressaltar a esplêndida interpretação de Guilherme Karam, que se desdobra entre os papéis de um garotão, um travesti de **show e uma afetada maricona. De resto, "Village" apresenta um texto bastante superficial,** mas sem ranços moralistas. E fica a nítida impressão de se estar numa plataforma do metrô novaiorquino, ao vermos passar rapidamente um trem, diante de nossos olhos, antes do black-out final. Bravo, Reinaldo de Amaral.

MACHO BELEZA, GAROTOS DE ALUGUEL E BENT

Dois irmãos. Enquanto um deles assume o comportamento de um travesti, o outro adquire padrões de um típico machão, tentando a todo momento encobrir suas tendências homossexuais através de um comportamento excessivamente agressivo. O relacionamento dos dois começa a se agravar, a partir do momento em que surge um terceiro elemento, o namorado do travesti. Sua presença acaba por provocar um sério confronto entre os dois irmãos, culmimando numa delirante relação incestuosa. Assim é a história contada por "Macho Beleza", um melodrama com pretensões psicanalíticas, com muita teoria e recheado de preconceitos às avessas. Já ultrapassou as 100 apresentações e tem lotado diariamente o Teatro Bexiga.

"Garotos de Aluguel" é a história de quatro adolescentes da periferia, que sonham em con-

➡

Kito Junqueira e Ricardo Petraglia, em Bent

A estréia de julho

BENT, Sherman, tem aquela grandiloqüência questionável que marca as produções da Broadway. Maneirismos à parte, o texto se destaca pela dignidade que empresta à figura do homossexual. Uma dignidade tão incomum que chega a surpreender: sem cair no proselitismo, mas também sem apelar para caricaturas risíveis, Sherman lida com seres humanos, nunca com estereótipos. Então, o que se tem são perfis dotados duma grande justeza. Embora renegue as descrições banais e o chavão preconceituoso, ele nem por isso se deixa seduzir pela imagem igualmente falsa dum super-homossexual, privilegiado no sentir e no saber. A homossexualidade é encarada como simples opção, perdendo assim sua carga diferenciadora e marginalizante: daí, tanto mais odiosas se tornam as perseguições que lhe são movidas pelo Sistema. No caso de BENT, o agente repressor é o nazismo. Como ponto de referência, temos o episódio que passou para a história como "a noite das longas facas", que desencadeou a caça aberta aos homossexuais do III Reich, a partir de 1934.

Duma exatidão que beira o coumental, BENT conserva ainda assim uma fluidez e um calor humano dignos de nota. E mais: graças à sua concepção concisa de tempo e espaço, Sherman atenua o caráter um tanto discursivo da peça e abre caminho para a emoção. Da violência ao êxtase, do medo ao riso, da mesquinhez à doação mais funda, o espetáculo segue num crescendo de Paixão, até seu epílogo transfigurador. Os últimos instantes de BENT são duma beleza e duma coragem enormes. Mas deixemos o enredo de lado, pois ele faz jus a seu impacto total: quem assistir verá. Dos atores, pouco a dizer na medida em que são todos excepcionais: modulam gestos e sensações como se bailassem. Quanto à direção de Roberto Vignati, esta é sem dúvida, a melhor de sua carreira e confirma uma vocação sócio-política não-dogmática: uma vocação que se engaja no humano. Bons os cenários (veja-se o quadro do trem); excelente a música; funcionais os figurinos; exemplar a tradução desta grande exilada que é a atriz Madalena Nicol, dividindo seu trabalho, nesta oportunidade, com Luis Fernando Tofanelli. Em síntese: BENT tem tudo para ser um dos melhores espetáculos da temporada. (**Daniel L. Pastura**).

sumir os bens que a sociedade de consumo lhes oferece. A única saída que encontram para adquiri-los é vendendo seus próprios corpos na "Boca do Lixo". Atraídos por um anúncio de jornal que dizia "procura-se rapazes bonitos", vão parar numa casa de massagens. No decorrer do espetáculo, são mostrados os conflitos entre eles e a dona da casa, uma prostituta decadente. Mais um espetáculo a abordar a temática da prostituição de adolescentes. Seu autor, Carlinhos Lira, garante que não se trata de mais uma enxurrada de lamúrias e lamentações como "Blue Jeans", segundo ele, "uma peça exclusivamente comercial, onde todos os personagens não passam de estereótipos maldefinidos". Um dos atores, num elenco onde a maioria é estreante, Airton Soares, chegou a ser expulso de casa por estar participando da montagem de "Garotos de Aluguel".

Mas o grande sucesso fica por conta de "Bent", do americano Martin Sherman, que conta a história da repressão aos homossexuais na Alemanha nazista. O espetáculo tem atraído muitos homossexuais, além de uma grande quantidade de judeus que, a priori, pensam se tratar de um espetáculo sionista. Enquanto permaneceu durante quatro meses, no Teatro Anchieta, "Bent" lotava todas as sessões, sendo vendidas várias cadeiras extras. Ao terminar o contrato como teatro, o grupo esperava ir pra Campinas, por falta de teatro em São Paulo. O sucesso foi tão grande, que a Hebraica resolveu ceder seu teatro, onde o grupo se encontra até hoje.

Tendo sido encenada em 79, no **Royal Court**, de Londres e pouco depois na Broadway, onde ficou um ano e meio em cartaz, "Bent" traz ao palco um espetáculo de rara beleza, capaz de sensibilizar a todos, com diálogos que simulavam verdadeiras trepadas, num toque extremamente sensual, dispensando-se por completo, o nú e o contato corporal. Kito Junqueira e Ricardo Petraglia dão um banho, ornamentados pela belíssima direção de Roberto Vignati. "Bent" deverá estrear no Rio, em fins de julho, no Teatro Vila Lobos.

FALEM MAL; MAS FALEM DE NÓS

Sendo ou não uma avalanche, uma coisa é certa: o grande número de espetáculos que atualmente lotam os teatros e apresentam, sob vários prismas, a temática homossexual, mesmo que de raspão ou com uma visão distorcida, fazem com que, cada vez mais, homossexualismo deixe de ser um assunto tabu, passando a fazer parte do cotidiano das pessoas. E quanto àquele papo de modismo, não há como escapar: o jeito é jogar os falsos pudores de lado. Afinal, isto é ou não é uma sociedade capitalista? (**Antônio Carlos Moreira**).

A estréia de maio

1

A peça "As Tias", de Aguinaldo Silva e Doc Comparato, sendo apresentada no Teatro da Lagoa, no Rio, vem atraindo um público cada vez mais numeroso. A que se deve tal sucesso? Já passou a moda do "orgulho gay", pelo que se poderia pensar que o êxito da montagem era uma simples questão de "esprit de corps". O que vemos, na verdade, é a repetição de um fenômeno bastante comum no teatro e no cinema nos últimos tempos. Depois que os gays vieram à luz, a temática empolgou escritores e diretores importantes, que estão produzindo ótimos espetáculos.

No caso de "As Tias", trata-se de uma peça muito bem bolada, com tudo para agradar, bem marcada e com um elenco que consegue atingir alguns dos momentos mais notáveis dos palcos brasileiros nos últimos tempos. A história é comum na superfície: quatro homossexuais de meia idade vivem num mundo totalmente à parte numa velha casa de Petrópolis, sustentados por uma mulher a quem cada um prestou serviços em determinados momentos de suas vidas. A peça desenrola-se num dia, quando as "tias" recebem a visita anual da "sobrinha", que desta vez chega com péssimas novidades. Ela não mais poderá continuar a sustentá-los em seu retiro, pois está falida. O detalhe importante é que a visita da jovem senhora tem também um elemento de surpresa para a vida parada e sem novidades das "tias" na figura de um belo motorista.

A partir disso a trama se desenvolve com diversos lances de suspense e toques tragicômicos, que vão num crescendo até o final. **Lembra** algumas peças de autores como Pirandello, Durrematt e Tennessee Williams, mas tem também algo de muito específico, de muito brasileiro no seu clima petropolitano de hortênsias e jardins, e ao mesmo tempo de muito matuto e mineiro no mau gosto das roupas surradas dos quatro homossexuais. A mulher é também a brasileira típica de classe alta, falando em Saint Laurent e em Paris, sem deixar de ser a mineira interioana, cheia de matreirices.

Obedecendo às principais regras de ouro da dramaturgia ocidental, mas ao mesmo tempo portando-se anarquicamente na criação de seus personagens, Aguinaldo e Doc deram à peça um tom de humor dolorido e sincero, hoje raro de se encontrar em nossos palcos. De humor e otimismo, pois não podemos esquecer que apesar de todas as situações humilhantes em que se envolvem seus "dramatis personae", a alegria e a fé na celebração da vida acabam assumindo uma importância cada vez maior e de grande impacto na parte final da peça.

Mas não seria justo com os leitores que ainda não viram "As Tias" contar aqui o que acontece de bom com elas. O que se precisa destacar é que dificilmente poderiam ter sido escolhidos melhores atores para interpretar um texto tão cheio de nuances e moderno como este, principalmente o majoritário **naipe** masculino, cada um deles com seu dó de peito de grande força e impressionante veracidade. O trabalho do diretor Luiz de Lima foi especialmente importante ao fazer os atores compreenderem um texto tão cheio de idas e vindas, tão rico de subtons. Até na interpretação epidérmica e **leve** de Suzana Vieira, nota-se que Luiz de Lima trabalhou com afinco. A coesão do elenco e a coragem com que todos se jogam na empreitada não devia permitir que destacássemos alguém, mas não se poderia deixar de dizer que Paulo César Pereio e Ítalo Rossi atingem o momento mais alto de suas carreiras nesta peça e que merecem todos os prêmios do ano.

Não será por isso, no entanto, que deixarei de falar aqui em Ednei Giovenazzi, Nildo Parente e Roberto Lopes, que completam com grande desenvolturas, o mundo de "As Tias" e dão ao espetáculo um formidável acabamento na sua competência profissional em papéis tão difíceis. Se Pereio e Rossi erguem-se quase que como monstros sagrados neste **momento** fundamental de suas carreiras, os **outros** três homens de "As Tias" seguram a barra com uma técnica tão perfeita, aliada a enorme emoção, que seu lugar de destaque já está assegurado dentro do teatro brasileiro. (**Francisco Bittencourt**)

Roberto Lopes e Nildo Parente, em As Tias

2

Tenho a impressão que os críticos da chamada grande imprensa não se conformam em assistir uma peça de teatro em que a temática homossexual seja tratada de modo mais sério que o costumeiro. Parece que eles preferem ver o guei ridicularizado, ou mesmo como travesti. Em "As Tias" em cartaz no teatro da Lagoa, os autores Aguinaldo Silva e Doc Comparato fazem uma análise bastante realista, para não dizer cruel, de quatro homossexuais de meia idade, seus problemas e/ou preocupações com o mundo lá fora. E o fazem de maneira bastante suscinta.

Uma mistura de fantasia com realidade, um jogo de gato e rato em que, acredito, pela primeira vez em teatro os homossexuais são vencedores, desagrada bastante aos gregos. Mas não aos troianos. Estes podem ver um bom trabalho artesanal e, embora com formação literária e televisiva, uma boa carpintaria teatral na estréia dos dois dramaturgos. O texto corre fluente, sem disfarces, real, no sentido mais amplo dessas palavras.

Nua sucessão de surpresas e suspense a peça flui muito bem até o grande desfecho, realmente surpreendente. Muito poucas vezes vimos no palco um trabalho tão profissional como esse "As Tias". Qualquer outra ambientação visual ou qualquer outro cenário não passaria para o público um clima tão petropolitano como o trabalho de Márcio Colaferro. Bastante corretos também os figurinos de Chico Ozanã, longe dos exageros de praxe tão comuns quando os personagens são em sua maioria homossexuais. Jorginho de Carvalho comprova com mais esse trabalho que continua sendo o melhor iluminador.

O elenco, bastante homogêneo, só faz justificar a fama de grandes atores de Ítalo Rossi e Paulo César Pereio. O primeiro com uma interpetação contida, passa para o público o grotesco do homossexual desesperado e, ao mesmo tempo, conformado que o seu papel requer. O segundo, o primeiro cínico do teatro brasileiro, chega a assustar a platéia como se realmente estivesse alcoolizado em cena. Nildo Parente revela-se também, um grande ator, pela primeira vez, se não me falha a memória, num trabalho digno do seu talento, no mesmo plano dos outros personagens, sem precisar coadjuvá-los em momento algum. Ednei Giovenazzi completa a lista dos quatro "tias" no papel mais ingrato da peça, em que o ator sai-se muito bem, em que pese alguns escorregões. Susana Vieira, cercada de monstros sagrados do teatro brasileiro, não deixa a peteca cair e mostra porque é atualmente uma de nossas atrizes mais requisitadas. Pra terminar, a grande surpresa entre as interpretações, a do jovem Roberto Lopes num trabalho tão minucioso quanto difícil, cercado de nuances que o ator "tira de letra" como se fosse um veterano.

Enfim, um bom espetáculo esse do Teatro da Lagoa, revelando ao público teatral dois competentes autores e um elenco coeso de primeira linha como há muito tempo não se vê nos palcos. (**José Fernando Bastos**).

Jaime Eduardo e Bárbara Hudson

A Nova Versão de "A Médica e a Monstra"

De dia um discreto rapaz: Jaime

De Noite uma exuberante senhora: Bárbara

Ao entrar naquela tarde, na redação, correndo como sempre o faço, nem me preocupei muito com um enorme rapaz, cerca de 1,85 m, que conversava calorosamente com algumas pessoas na sala. Só algum tempo depois é que pude observar nosso falaz visitante. Era um simpático rapaz, de seus 26 anos, forte, que vestia uma elegante calça de veludo cotelê vinho e uma finíssima camisa de tom bege, usava óculos quadrangulares, que lhe davam um certo toque intelectual; chamava-se Jaime Eduardo.

Os traços de seu rosto me-eram familiares, apesar de jurar nunca tê-lo visto antes. Por fim, Zé Fernando e sua tímida careca me arremessaram uma pergunta cortante: "Sabe quem ele é?" Fiquei alguns instantes paralisado, tentando identificá-lo e aí, Clic! Fui correndo ao arquivo, peguei a pasta que leva a simpática etiqueta "GENTE", onde guardamos uma vastidão de fotos e recortes de pessoas conhecidas e famosas. Folheei, rapidamente, o material e retirei triunfante uma foto 18 por 24, em belíssimo tecnicolor, da estrela Bárbara Hudson, um famoso travesti do sul do país. Não deu outra, Jaime era Bárbara.

De início recebíamos um monte de recortes de jornais e revistas, das longínquas cidades do interior do Paraná, Santa Catarina, e Rio Grande do Sul, que estampavam notícias dos shows de Bárbara Hudson. Confesso que não demos grande importância. Depois passamos a receber foto coloridas juntamente com recortes do Paraguai, Peru e outros lugares. Todos falavam de Bárbara. Só então demos um certo crédito e publicamos uma ou duas notinhas. E agora, sem que esperássemos, nos vimos diante de nossa antiga admiradora.

Depois de um longo papo, é que descobrimos que falávamos com um verdadeiro travesti profissional, conhecido em boa parte da América Latina e alguns países da Europa, além de dominar o mercado artístico de todo o sul do Brasil. Não Titubeamos, pegamos o gravador e começamos a entrevistá-la (lo). Zé Fernando, Dolores, Aguinaldo, Alceste e eu nos vimos envolvidos, durante duas horas, com as aventuras, o profissionalismo e a personalidade de Bárbara. E com vocês, a Internacional, o transformista espetacular, Bárbara Hudson. (**Antônio Carlos Moreira**).

Aguinaldo — **Pra começar, você podia nos dar uma fichinha sua.**

Bárbara — Bem, eu nasci em dois de setembro de 1952, no Recife, onde passei minha infância. Filho de pais portugueses, de dois em dois anos eu ia a Portugal visitar meus avós. Aos 12 anos vim pra São Paulo com minha família. Estávamos em 64, na época da revolução, e papai, que era diretor de uma cooperativa, tinha pedido transferência para a Grande São paulo. Todo ano eu retornava ao Recife, em visita, até que em 1970, devido a pressões da família, fugi de casa e fui morar lá. Meus pais achavam que eu era homossexual, mas nessa época eu não o era realmente. Desde criança eu sempre tive gestos delicados, feições femininas e um corpinho bem talhado, que sempre eram confundidos, por minha família, com homossexualismo. Eu era um menino educado, de educação portuguesa, e papai vivia achando que eu era bicha, só porque os amigos dele me olhavam muito. Mas não era nada disso.

Aguinaldo — **Mas nessa época você não sentia desejo por homens?**

Bárbara — Não, eu vim a ter minha primeira experiência homossexual com 19 anos. Antes eu tinha desejos, mas era uma coisa muito reprimida, e eu tinha medo. Aos 14 anos, eu peguei no pau de um homem pela primeira vez. Foi no Cine República, em São Paulo. Saí do cinema tremendo: — Meu Deus, peguei no pau de um homem! Mas só aos 19 anos é que eu fui pra cama com alguém do meu sexo. Dos 14 aos 19, meu pai e meu tio me levaram muito na zona, e cheguei a transar com muitas mulheres.

Alceste - **Mas você transava com elas mesmo, ou entrava em um acordo?**

Bárbara — Não, transava mesmo. Ejaculava e tudo.

Antônio Carlos — **Então você foge pra Recife, e aí?**

Bárbara — Em Recife, caí na zona de baixo-meretrício e comecei minha carreira nos cabarés de lá. Trabalhei no "Coqueirinho Drinks", no "La Lupina", na "Boite Tabaris", e outros... Me amiguei com uma prostituta chamada Gilda Pigale, uma mulher de meia idade, com quem eu tinha de trepar toda noite, em troca de casa, comida e algum dinheiro. Nos fins de semana eu aproveitava e fazia um ou outro show, nos cabarés, sem que ela se importasse. Dois meses depois de minha estréia como travesti profissional, em janeiro de 71, meus pais me descobrem e chorando me pedem que eu volte pra casa. Imploraram, pediram, até que meu pai, abrindo o jogo, falóu que seu eu não voltasse, impetraria o **Pátrio Poder**, me proibindo assim de trabalhar nos cabarés. Eu tinha 18 anos, faltavam portanto três anos para minha maioridade. Com medo das ameaças e temendo que eles prejudicassem meus amigos, que também trabalhavam naqueles cabarés, concordei em voltar pra São Paulo, onde me empreguei como auxiliar de pesquisas e promoções, numa distribuidora de filmes, indo mais tarde trabalhar como escriturário, na Caixa Econômica.

Antônio Carlos — **Mas quando foi que pintou a idéia, este desejo, de um dia ser travesti e fazer shows?**

Bárbara — Foi aos 14 anos. Eu ia passando na porta do Teatro Natal, em São Paulo, onde estavam levando "**Le Girls**", com Rogéria, Valéria, Marquesa, Jean Jacques e outros. Então sem mais nem menos, me deu um troço na cabeça, e eu quis ser travesti profissional.

Alceste — **Isso foi antes ou depois de ter segurado um pau?** (risos)

Bárbara — Depois. Então, dos 14 anos 18 anos, eu estudava apenas. Fiz até o segundo ano de Direito, e esperava completar 18 anos e realizar meu sonho.

Antônio Carlos — **Depois de alguns anos de reclusão, você finalmente completa 21 anos. Então o que você faz?**

Bárbara — Aô completar 21 anos, papai me dá uma viagem para a Europa de presente. Fico onze meses em Portugal, indo a passeio em Madri, Paris e Londres. Em novembro de 73, retorno a São Paulo, e volto a trabalhar como escriturário. Junto dinheiro e começo a preparar meu guarda-roupa de show. Finalmente, numa noite de sábado, em março de 74, na "Boite Harém", reinicio minha carreira definitivamente. **"Bárbara Hudson Apresenta** — dizia o cartaz da porta — **: Coquetel de Bonecas. Com Rita Moreno, Danny Larue, Kátia Keler, Valquíria Montiel e Elizabeth."**

Alceste — **E a família, teve algum ataque cardíaco?**

Bárbara — Não, porque aí eu comecei a me afastar um pouco deles. Fiquei independente e comecei a ganhar meu dinheiro.

Aguinaldó — **Desde que começou a ser travesti profissional, você só tem feito isso? Você não tem nenhum outro trabalho?**

Bárbara — Eu colaboro como repórter de

cinema para alguns jornais e revistas de São Paulo. Eu tenho arquivos de cinema tão ricos, que nem sei se pesquisadores com mais de 60 anos de trabalho, no Brasil, têm o material que eu possuo. Desde os 13 anos sempre curti cinema. Assistia em média 2 a 3 filmes por dia. Hoje em dia parei um pouco, não por falta de tempo, mas é que já não se fazem bons filmes como nas décadas de 40, 50 e 60.

Zé Fernando — **Você é um travesti que se tornou muito mais conhecido no sul e interior do Brasil, do que no eixo Rio-São Paulo; por quê?**

Bárbara — No Ri eu ainda não fiz nenhum trabalho, porque os salários que me oferecem são baixíssimos. Eu não vou sair do interior do Paraná, de Santa Catarina ou Rio Grande do Sul, onde chego a ganhar de três a quatro mil cruzeiros por noite, livres de hotel e refeições, para vir à Cidade Maravilhosa em uma Revista. Todo mundo sabe a quem estou me referindo...

Antônio Carlos — **Brigitte Blair, é claro!**

Aguinaldo — **Tem gente aqui que trabalha até de graça...**

Bárbara — (indignada) Isso é uma piada. Quando eu quiser vir ao Rio de Janeiro, compro uma passagem pela Transbrasil (olha o jabá!), venho aqui, visito meus amigos, faço turismo e depois volto pro meu Paraná, para o meu sul.

Antônio Carlos — **Bárbara, como é que você descobriu este mercado do sul do país?**

Bárbara — Ah, isso é batalha de anos. Em maio de 75 eu estava no Teatro Natal, em São Paulo, quando recebi um convite para fazer Curitiba, no "Star Dust", a melhor casa noturna de lá. Em Curitiba, o proprietário da "Boite Apalache", de Florianópolis, assiste meu show, gosta e me contrata. Sempre onde me apresento, tem um dono de boite que me assiste e acaba me convidando para sua casa. E aos poucos fui dominando as cidade do sul e de seis em seis meses faço turnês por lá. Eu fui o segundo travesti brasileiro a entrar em Santa Catarina. Antes de mim só Jacqueline Dubois, em 69, por trinta dias. Seis anos depois, estava eu lá.

Zé Fernando — **Foi lá que aconteceu aquele episódio com a Jacqueline Dubois, que um militar botou a mão na cabeça dela e acabou lhe tirando a peruca?**

Bárbara — Não, e a história não foi bem assim. Aconteceu no Paraná em 68. Jacqueline saiu do Rio com uma troupe de vedetes, onde se fazia passar por mulheres. Na boite, eu Assunção, era anunciada assim: "Diretamente do Rio de Janeiro, a vedete brasileira Jacqueline Dubois." Um dia, quando terminou o show, ela saiu com um militar paraguaio, amigo do dono da boite, que acabou dormindo com ela. No outro dia, o militar chegou apavorado na boite, dizendo que tinha dormido com "Maria Antonieta" e acordado com "Napoleão Bonaparte". Acontece que, no meio da noite, a peruca da bicha saiu, deixando aparecer uma careca reluzente. E como se não bastasse uma bicha careca, o militar também ficou horrorizado com o tamanho da piroca do viado. Todo mundo sabe que o Paraguai é uma ditadura ferrenha. Aquilo lá não é um país governado pelo Presidente Strossner, é uma propriedade particular do Presidente Strossner. Então esse militar deu 24 horas para que Jacqueline saísse do país. No ano passado eu entrei no Paraguai, e tenho sérias restrições aquele país.

Aguinaldo — **Corte-ros estas restrições?**

Bárbara — Eu estava em Foz do Iguaçu, no ano passado, em uma de minhas turnês anuais pelo Paraná, quando numa noite, após o meu show, um senhor pediu que o garçom me chamasse até sua mesa. Para mim tratava-se de mais um cliente. Chegando lá, este senhor, de cabelos grisalhos, se apresentou como o proprietário do **"Night Club Carrousel"**, de Assunção. Ele falou que havia gostado do meu espetáculo e que tinha indagado a meu respeito. Soube que durante o dia eu era um homem. Ele queria levar um artista, um travesti, que de dia aparentasse um homem e que só a noite se transformasse em mulher, para os espetáculos. O contrato era de trinta dias, mas um sexto sentido me alertou para só aceitar duas semanas. O cachê era de seis mil guaranis por noite, na época dois mil e poucos cruzerios. Fiquei hospedado no Hotel Guarani, o mesmo que hospedou Figueiredo, em sua viagem ao Paraguai.

Mal chego na Rodoviária de Assunção, antes dos passageiros descerem, pois guardas entram no ônibus e perguntam: "Quem é o maricón brasileiro?" Todos olharam para trás, como se procurassem o tal maricón, e eu sem saber o que fazer, também olhei (risos). Aí eles perguntaram novamente "Quem é o transformista Bárbara Hudson?" Desta vez não tive escapatória'. Coloquei meus óculos escuros e solenemente me apresentei (novos risos). Disseram-me, os policiais, que eu tinha que ir direto pro hotel. Eu deveria me limitar a fazer o show e nada mais. Segundo eles, nunca tinha entrado nenhum travesti no Paraguai. Ao acabar o espetáculo, eu tinha que voltar pro hotel, acompanhado de dois guardas e com a cara devidamente lavada (risos). Eles diziam que não havia homossexualismo no país e que por isso eu não tentasse corromper a moral da juventude paraguaia. (gargalhadas). E se caso eu tentasse alguma coisa, seria sumariamente deportada para o Brasil.

Me vigiaram durante 24 horas por dia. Não podia entrar nenhum homem no meu apartamento. O porteiro e o acensorista eram espiões. No fundo, eu só concordei em ir para o Paraguai, para um dia dizer que fui o primeiro travisti do mundo a pôr os pés naquela terra.

Zé Fernando — **Bárbara, parece que o Paraguai não te impressiona muito, porque inclusive você já foi recebida a bala em uma cidade brasileira. As balas não foram para te atingir, que fique bem claro. Conte-nos esta história.**

Bárbara — É verdade (risos). Foi em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, onde eu estive ano passado, na "Boite Marrocos". Quando cheguei lá, tinha uma faixa de seis mestros na fachada da boite: **"Hoje. Atração Internacional. O Travesti Bárbara Hudson."** Corre muito dinheiro naquele Estado. Na porta da boite tinha cavalo, trator, caminhão, Chevete, Passat e até Mercedes. A maioria da clientela entrava com o revólver na cintura. Nesse tipo de cidade, quem manda são os fazendeiros. Não tem delegado, nem ninguém. A boite estava entupida, cheia de homens. Tinha algumas mulheres, não as senhoras, mas as amantes.

— Me anunciaram, e quando eu entrei, pá pá pá pá, era tiro pra tudo que é lado. Fiquei assustada. Um cara começou a gritar, **"que viado gostoso"**. Eu comecei a cantar meus boleros e tangos, minhas especialidades, e um deles, bem na minha frente, pegou o revólver e apontou pra mim. **"Eu acho que vou dar um tiro no cu deste viado."** (Com sotaque de fazendeiro matogrossense. Risos). Comecei a chamar por Nossa Senhora e a pedir a Deus que me ajudasse. Aí, cheguei bem perto da mesa dele e comecei: "Solamente una vez..." (começa a cantar na redação). Este homem pegou o revólver, colocou em cima da mesa e em seguida o guardou na cintura, com vergonha. Depois do show, ele me chamou para sentar em sua mesa. Eu deixara de ser um viado e me transformara, a partir daquele momento, em uma dama, uma atriz. Aí ele perguntou ao garçom o que eu gostava de beber, e ao que o garçom respondeu champanha, ele imediatamente falou, "então manda descer uma caixa". (risos) Eles são exagerados mesmo. Dizem que se dinheiro fosse merda, só viviam fedendo. São bolos de dinheiro que eles levam pra boite, e com aquela tarjeta escrita **"Banco do Brasil"**, a envolver as notas. (risos) Comecei a tomar a champanha — e eu nunca fico na primeira garrafa. Então, ele me convidou pra sair.

Alceste — **E você recusou?**

Bárbara — Não. Você sabe que eu levo vida dupla. Além da Bárbara, eu tenho de sustentar o Jaime, durante o dia, em suas necessidades e manias: roupas, calçados, livros de cinema — importados —, material fotográfico... Está tudo caro hoje em dia, então eu não posso me dar ao luxo de recusar um programa de dez ou cinco mil cruzeiros. Três mil é o mínimo.

Alceste — **E você recusou?**

Bárbara — Não. Você sabe que eu levo vida dupla. Além da Bárbara, eu tenho de sustentar o Jaime, durante o dia, em suas necessidades e manias: roupas, calçados, livros de cinema — importados —, material fotográfico... Está tudo caro hoje em dia, então eu não posso me dar ao luxo de recusar um programa de dez ou cinco mil cruzeiros. Três mil é o mínimo.

Alceste — **Você combinou o preço com ele antes?**

Bárbara — Os preços são sempre combinados antes e pagos adiantados, na mesa. Ao sair, deixo o dinheiro com o gerente da casa, para evitar dessistências. Então fui pra fazenda dele, um lugar maravilhoso. Ao chegarmos lá, tomei um banho e fui direto pra cama. Foi quando eu levei o maior susto, porque ele virou-se pra mim e disse: "Ah meu machão gostoso, meu boi, me chama de sua vaca, faça mú pra mim. Bata na minha cara, me estupre..." (gargalhadas no pacato prédio da Joaquim Silva).

Zé Fernando — **Atualmente, no eixo Rio-São Paulo, há uma proliferação de espetáculos de travestis. Eu gostaria de saber se existe alguma rivalidade entre os travestis profissionais, destas duas cidades, no que diz respeito ao mercado de trabalho?**

Bárbara no Bixórdia/3

Bárbara — Eu vou ser franco com vocês. Tenho certeza que se eu resolvesse fazer um espetáculo, uma temporada, no Rio de Janeiro, os travestis daqui não iriam me prestigiar. Talvez eles se negassem a me dar a mão. Aliás, a mão nunca me deram, a não ser para me empurrar. Agora, elas podem me balançar, mas ninguém me derruba, porque eu tenho uma coisa que poucas têm, que é personalidade forte, dominadora e radical. Um pouco de inspiração em Bete Davis, que é uma das minhas musas, em Joan Cronwford e na Bárbara Stamwick. Inclusive os responsáveis pelo meu nome são Bárbara Stamwick e Rock Hudson, que sempre foram meus atores favoritos.

Dolores — **Economicamente já dá pra dizer que está realizada?**

Bárbara — Como eu já falei, gasto muito comigo. O jaime Eduardo é casado com a Bárbara Hudson, que o sustenta. Tenho uma mulher de alto nível que precisa ser mantida em guarda-roupas, jóias, boas perucas, bons sapatos, plumas... Eu também gasto muito com excesso de bagagem, porque viajo com 10 a 12 malas.

Alceste — **Não deu pra comprar nem um apartamentozinho?**

Bárbara — Por incrível que pareça, ainda não deu pra comprar. Gasto milhões em livros de cinema, gasto milhões em roupas e gosto de sair com amigos e proporcionar-lhes uma noite numa boite ou em outro lugar (Antônio Carlos e Zé Fernando estão aí pra confirmar). Nunca tive gigolô e nem vou ter. Prefiro gastar num jantar ou numa noitada com um gay meu amigo, do que com um macho. Homem pra mim é igual a papel higiênico, eu uso e jogo fora.

Antônio Carlos — **Mas a Bárbara não pagaria um michê?**

Bárbara — Não, mas o Jaime pagaria. Inclusive eu estive na Galeria Alaska, olhei pra um bofe maravilhoso, um testão, e perguntei: "Você faria tudo na cama comigo? Eu te pago, mas você vai ter que fazer tudo o que eu quiser."

Alceste — **E ele fez?**

Bárbara — Fez tudo. E depois eu dei um presentinho pra ele (risos).

Alceste — **Você falou que leva vida dupla, como Jaime e como Bárbara. O comportamento do homem que sai com Jaime é do homem que sai com Bárbara é diferente? Você prefere sair com um homem como Jaime ou Bárbara?**

Bárbara — Eu quando saio com um homem, como Jaime, gosto de ser ativo, pois me sinto um homem, realmente. É claro que se eu estiver a fim do cara, eu faço tudo. Agora, quando eu estou de Bárbara, aí meu amor, é o cliente quem manda. Ele está pagando, então o que ele pedir tudo bem. Eu não me considero uma prostituta, eu sou uma cortesã. Agora, jamais, na minha vida, iria pra rua fazer trotoar. Olha, quase nunca saio durante o dia com um homem. Quando eu estou com o Jaime Eduardo, raramente faço programa. Eu tenho uma vida sexual, como Bárbara, muito ativa — faço em média um a dois programas por noite.

Alceste — **Como é a técnica de esconder o pau?**

Bárbara — A minha técnica é a seguinte: Eu pego dois emplastros de Sabiá, divido ao meio e ficam quatro pedaços. Ponho um pedaço no testículo direito, outro no esquerdo e puxo para trás, ficando o membro solto. Ponho o terceiro pedaço no membro, e também puxo para trás. Arrumo os pentelhos pra cima e abro as pernas.

Aguinaldo — **O emplastro Sabiá não arde?**

Bárbara — Arde, mas aí é um sacrifício pela arte. Na hora em que eu coloco não arde, mas na hora de tirar, é um sacrifício.

Alceste — **Dois emplastros seriam necessários para todas ou só para você? Será que tem alguma que precise de cinco?**

Bárbara — Eu conheço travestis, no sul, que fazem strip-tease até sem emplastros.

Antônio Carlos — **Bárbara, o que você acha do transexualismo?**

Bárbara — Eu sou radicalmente contra, e explico porque. O prazer supremo da minha vida é gozar.

Alceste — **A pica você jamais arrancaria?**

Bárbara — Nunca. Se houvesse uma operação para aumentá-la e fazê-la mais grossa, eu seria a primeira a fazer. (olhares curiosos).

Zé Fernando — **Mas aí você precisaria de dez emplastros Sabiá. Não seria econômico. (risos).**

Bárbara — Não, porque eu tenho um bundão muito grande e então é sempre mais fácil de esconder.

Alceste — **Mas a bunda ajuda a esconder mesmo?**

Bárbara — Lógico. Tanto é que a Rogéria jamais poderia fazer um strip-tease completo, porque ela tem a bundinha magrinha, né? E onde é que ela iria esconder aquela coisa imensa que ela tem?

Alceste — **Mas você conhece o pau da Rogéria?**

Bárbara — E precisa? O pau dela é famoso no Brasil e no mundo inteiro. Onde Rogéria passou ficou famosa, não só pelo grande talento que tem, mas também pelo tamanho da piroca (risos).

Zé Fernando — **Então você acha que se cortar, vai deixar de gozar?**

Bárbara — Claro. Todos que cortam não gozam jamais. Ficam semi-loucas. E mais engraçado é que todas elas, mesmo depois da operação, continuam freqüentando o gueto homossexual. Elas não viram mulher totalmente.

Antônio Carlos — **Você usaria silicone?**

Bárbara — Não. Não que eu seja radicalmente contra o silicone, acontece que eu fui favorecido pela natureza e mesmo sem tomar hormônios eu tenho um corpo avantajado, pernas femininas, tenho uma pele delicada. Mas mesmo que eu não tivesse esse corpo, tenho certeza que teria o talento suficiente para encarar um público e ser aplaudida, sem colocar peitos de silicone, pometes na cara ou silicone nas coxas. Com o uso de silicone, a pessoa se transforma num monstro, porque quando ela quiser mudar, ou exercer outra profissão, não terá condições, estará toda deformada.

Alceste — **A Bárbara é solteira, casada, viúva ou o quê?**

Bárbara — Eu jamais tive caso com um homem e nunca teria saco de viver, de dormir numa cama com a mesma pessoa. Eu posso morar sozinho, o que não quer dizer que eu durma sozinho. Eu adoro a liberdade, adoro estar só, de ficar livre para poder receber quem eu quero, na hora que eu quero. Um homem morando comigo, iria tolher minha liberdade. Eu vivo muito bem com essa minha dupla personalidade: Dr. Jeckill and Mister Hyde.

Zé Fernando — **Então diz pra gente, quem é o Dr. Jeckill e o Mister Hyde.**

Bárbara — São o médico e o monstro...

Antônio Carlos — **Sim, mas quem é o médico e quem é o monstro, em sua dupla personalidade?**

Bárbara — Be, para a sociedade, o monstro seria a Bárbara, não é? (risos) **(The End)**

Júnior do Flamengo; Brizola do PDT; Rogéria do Gay Fantasy; Darcy Penteado do Lampião; Paulo César Pereio de As Tias; Sandra Sá do MPB/81; Ricardo Petráglia de Bent; os Rapazes do bordel de Mesquita: Você pode imaginar toda essa gente reunida numa publicação guei? Pois é o que vai acontecer nas páginas de

PLEIGUEI
A revista do homo
PLEIGUEI
A revista do homo

O Jornal, em formato de revista, que abre caminho para a segunda geração de publicações gueis no Brasil. Variedades, política sexual, consumo, transa do corpo... Uma gama infinita de assuntos que interessam aos entendidos de todos os sexos.
Não Perca o Primeiro Número:

PLEIGUEI
A revista do homo

Reportagem — 24 horas na vida de um caso que deu certo.
Horóscopo — As previsões de Madame Urânia
Documento — Os rapazes do Bordel
e as fotos incríveis do **Garoto Pleiguei**

PLEIGUEI
A revista do homo

AGUARDE!

Agosto em Todas as Bancas do Brasil

Falange Vermelha no Schnitt

O Lampião da Esquina completou seu terceiro anuzinho. Como é de costume no aniversário de alguém ou de alguma coisa, foi realizada uma festinha. Neste ano o local de nossas comemorações foi o Schnitt, que é liderado por Carlinhos I e Carlos Guedes; uma dupla do barulho. Para organizar tudo José Fernando foi o escolhido entre mil e um candidatos que apareceram na sede de nosso jornal.

Noite de festa. Na porta do Schnitt uma pequena multidão, desde às 18h, esperava para dar início às comemorações, marcadas para às 21h. Como tudo neste país tupiniquim começa fora do horário, nós também tratamos de atrasar, a fim de ficarmos em dia com a moda. Às 22h começa o evento. Fernando Moreno e Fernando Reski são os apresentadores. De repente, entra em cena nosso coleguinha Antônio Carlos Moreira e dá um recado estranho: "olha aí gente, fomos boicotados. Os convidados foram avisados que a festa tinha sido adiada." Suspiros da platéia. Antônio Carlos sai de cena e entram os apresentadores. Reski e Moreno são dois profissionais tarimbados em segurar a peteca quando a barra pesa. Nesta noite eles conseguiram novamente fazer a arte de criar um show com poucos artistas. Jogam piadas e tentam alegrar o público. Começa o espetáculo. Se apresentam Faffy e Sandra Sá, Barbara Hudson, Camile, Andrea Casparelli — que continua brilhando como nunca — e Leci Brandão, nossa musa inspiradora, responsável por tantos momentos alegres em nossas festas.

Porém no meio disto tudo acontece um show à parte na platéia. Nos intervalos das apresentações vou dar uma voltinha pela casa para ver como andam as coisas. Quando me dirigia para a porta do Schnitt, um senhor aparentando mais ou menos 40 anos grita em minha direção: "Ei, você aí, documentos!" Fiquei perplexo. Respondo: "O senhor tem certeza que não está falando com a pessoa errada?" "não estou não". Pega uma carteirinha onde se lia "polícia" em letras vermelhas e me mostra. Peço para ver no claro, porque no escuro era impossível. Li com cuidado e não deu outra: era cana mesmo. Foi aí que me veio à cabeça uma célebre frase muito comum no meio das blitz que assolam o Rio de Janeiro: "Todo o crioulo é suspeito para a polícia". Puxei os meus documentos e lembrei que na minha carteira funcional do Jornal Última Hora tem a palavra "Imprensa" em letras vermelhas, do mesmo tamanho que a palavra "Polícia" na face. Isto significa que com esta carteirinha tenho passe livre em qualquer lugar, o que é um alívio. O policial olhou para a palavra em vermelho e se desculpou. Eu lhe respondi que não tem problema, já estou acostumado a mostrar minha bela foto para vários policiais que gostam muito das fotografias de crioulos.

Volto para minha mesa e encontro uma amiga, a Claudete, muito aflita. Ela, quando percebeu a presença da polícia, me perguntou: "você viu o meu bofe que peguei na Cinelândia? Ele estava perto de você quando os canas te pediram documentos." Respondi que não vi, mas que poderia verificar o que houve. Rapidamente olhei em direção da porta: o bofe tinha desaparecido feito num toque de mágica.

Lana Bittencourt e Mário Valle

Deduzi: entrou em cana. Pergunto para a minha amiga se o bofe trabalhava ou estudava. Claudete, uma pessoa sem o mínimo preconceito, diz que somente se lembrar que era uma trepada muito boa. Então lhe respondo: "é minha filha, nesta altura do campeonato o bofe deve estar bailando com os tiras na delegacia."

Apesar do incidente com Claudete, que ficou desquitada naquela noite, a alegria continuou na mesa. Eu estava acompanhado de um novo amor. Só dava tempo de assistir parte do show, porque meu coração palpitava a mil quilômetros por hora. Minha amiga, que não perde tempo, tratou logo de esquecer do seu desquite via polícia, pegou um garoto maravilhoso e iniciou um novo casamento. Neste momento olho em redor e vejo que todo mundo está alegre. Os amigos se confraternizam. Eram bichas, sapatões, sapatinhos, enrustidos, enfim tudo aquilo que faz parte de nossa abençoada fauna guei.

Final de festa. O esforço foi total para esquecer as deficiências do microfone, da ausência dos grandes nomes anunciados previamente, e do malestar em que a polícia tentou entronizar quando fez uma investida à procura de bandidos. Na realidade o que os policiais devem ter encontrado na sua blitz foram algumas bichinhas que esqueceram documentos ou então os michês, que por razões óbvias, ainda não possuem a carteirinha do seu sindicato. No outro dia abro os jornais da grande imprensa para ver se foi encontrado no Schnitt algum assaltante de banco, criminoso de alta periculosidade, membro da falange vermelha ou fugitivo da Ilha Grande. Qual não foi minha surpresa: estavam todos fora da festa do Lampião, e pelo visto devem ter dado graças a Deus pelo período em que a polícia esteve no Schnitt. Desta forma a área de ação ficou livre para que eles pudessem praticar os seus "esportes" ou dar um passeio pela Praia de Botafogo à procura do seu "ganha pão". (Adão Costa)

Gal Andréa Costa Casparelli

Fernanda

LAMPIÃO

LAMPIÃO da Esquina é uma publicação da Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda.; CGC (MF) 29529856/001-30; Inscrição estadual 81.547.113.

Editores: Aguinaldo Silva, Francisco Bittencourt e Adão Acosta (Rio); Darcy Penteado e João Silvério Trevisan (São Paulo).

Redação — Antônio Carlos Moreira, Alceste Pinheiro, Aristides Nunes, Dolores Rodrigues, José Fernando Bastos, Regina Nóbrega (Rio), Eduardo Dantas, Emanoel Freitas, Zezé Melgar, Francisco Fukushima, Glauco Mattoso, Paulo Augusto (São Paulo), Alexandre Ribondi (Brasília).

Colaboradores — João Carlos Rodrigues, Luiz Carlos Lacerda, Agildo Guimarães, Frederico Jorge Dantas, José Fernando Bastos e Aristóteles Rodrigues (Rio); Carlos Alberto Miranda (Niterói); Mariza e Edward MacRae (Campinas); Celso Curi, Jorge Schwartz, Cynthia Sarti (São Paulo); Amylton Almeida (Vitória); Paulo Hecker Filho (Porto Alegre); Wilson Bueno (Curitiba); Edvaldo Ribeiro de Oliveira (Jacareí) e Luiz Mott (Bahia).

Fotos: Cynthia Martins e Ricardo Fragoso Tupper (Rio); Francisco Fukushima e Dimas Schtini (São Paulo) e Arquivo.

Arte: Antônio Carlos Moreira (arte-final), Mem de Sá (capa), Nélson Souto (diagramação), Levi e Hartur (charges).

Circulação: João Reis.

Distribuição: Rio: Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente Ltda. (Rua da Constituição, 65/67); **São Paulo:** Paulino Carcanhentti; **Curitiba:** J. Ghignone & Cia. Ltda.; **Florianópolis e Joinville:** Amo Representações e Distribuição de Livros e Periódicos Ltda.; **Jundiaí:** Distribuidora Paulista de Jornais e Revistas Ltda.; **Porto Alegre:** Salvador La Porta Distribuidora de Livros, Jornais e Revistas; **Campos:** R.S. Santana; **Belo Horizonte:** Distribuidora Palmares de Livros, Jornais e Revistas Ltda.; **Juiz de Fora:** Ercole Caruzzo & Cia. Ltda.; **Goiânia:** Agrício Braga & Cia. Ltda.; **Brasília:** Anazir Vieira de Souza; **Vitória:** Nórbin, Distribuidora de Publicações Ltda.; **Salvador:** Literarte — Livros, Jornais e Revistas Ltda.; **Aracaju:** Wellington Gomes de Andrade; **Maceió:** Gesivan R. de Gouveia; **Recife:** Diplomata, Distribuidora de Publicações e Representações Ltda.; **João Pessoa:** Henrique Paiva de Magalhães.

Composto e Impresso na Gráfica e Editora Jornal do Comércio S.A. — Rua do Livramento, 189, 4º andar, Rio de Janeiro.

Endereço: Rua Joaquim Silva, 11, sala 707, Lapa, Rio, RJ. Correspondência: Caixa Postal 41.031, CEP 20.400, Santa Teresa, Rio.

Assinatura anual (doze números): em envelope fechado, Cr$ 850,00; como impresso, Cr$ 600,00. Para o exterior US$ 25. Número atrasado: Cr$ 70,00.

Ecos do Bixórdia/3

Niltinho

Leci Brandão

Camilly

O ambiente descontraído, o local (Schnitt) e a grande quantidade de gente jovem fizeram do show **Bixórdia** nº 3 o mais alegre e de alto astral destes últimos anos e o melhor que o "Lampião" já realizou. E olhem que digo isso com o maior conhecimento de causa, pois estive envolvido de perto na organização inicial do **Bixórdia**. O Schnitt, dirigido com mãos de fada por Camilly, é uma simpatia de lugar, com seu ar de decadência e seu público bem específico, que veio juntar-se aos leitores e admiradores do "Lampião" e a personalidade com o jornalista Jaguar, o costureiro Mário Valle, o empresário teatral João Paulo Pinheiro e o radialista (Tupy) Gregory, que este ano enfeitaram a platéia do **Bixórdia**.

No palco, com a apresentação brilhante de Fernando Reski, Jessica Shelley, Fernando Moreno e da própria Camilly, desfilaram maravilhas da nossa música popular brasileira, como Lana Bittencourt, musas, como Leci Brandão, e mais uma verdadeira constalação de gente jovem que fez questão de homenagear o nosso jornaleco em seu terceiro aniversário, com uma presença artística que deixou a todos deslumbrados. Dessa constelação de estrelas nascentes anotamos os nomes de Fernanda, Faffy, Sandra Sá, Elza Maria, Sula Carvalho, Niltinho e Márcio Von Kruger, todos cantando com aquela voz privilegiada que Deus lhes deu.

Brilharam também, com seu humor aguçado e às vezes mordaz, bem característico dos transformistas, a nossa querida Andrá Gasparelli, com uma inesquecível "impersonation" de Gal Costa, já nossa conhecida da era de ouro do Bifão Cabaré, Barbara Hudson, cujo talento estreou no Rio nesse dia com sua arrebatadora Sarita Montiel, Vickie Lamour, sempre versátil e talentosa, e, mais uma vez, Camilly, que é a confirmação mais dramática do que pode fazer em cena um travesti de talento. Camilly cantou músicas de Gonzaguinha de uma maneira que deixou a platéia deslumbrada. A nossa querida Cintia Levi foi outra demonstração do esforço e do sucesso que vem conquistando para o seu tipo de espetáculo o travesti brasileiro. (**Francisco Bittencourt**).

Sandra Sá e Faffy

Fernando Moreno e Fernando Reski